



VI VEIDA ARTZIT  
 ועידה ארצית השישית  
 HACHSHARÁ EIN DOROT  
 4-7 SET - 70  
 ICHUD HABONIM  
 TEMÁRIO



ICH

VI VEIDÁ ARTZIT - PROGRAMA

DIA 4	20.30 hs.	Sessão solene de abertura: Tekes Saudações Parte Artística
	22.30 hs.	Viagem ao Kibutz Hachshará Ein Dorot
DIA 5	8.30 hs.	Sessão Preparatória: Aprovação do regimento interno Eleição da mesa e comissão permanente
	9.00 hs.	Apresentação e discussão dos relatórios.
	10.30 hs.	Apresentação da tese: "Processos da Comunidade Judaica" - relator: Benjamin Roisman
	11.30 hs.	Debates
	14.00 hs.	TESE: "Shichvá Bogueret" Relatores: Jacob Warshaviak e Raymond Levy
	15.00 hs.	TESE: "Hagshamá" Relator: Miguel Melzak
	16.30 hs.	Debates
	20.30 hs.	TESE: "Shnat Hachshará" Relator: Maurício Milgram
DIA 6	8.00 hs.	TESE: "Chinuch" Relatores: Alberto Milgram e Silvia Gutfilen
	9.30 hs.	Debates
	11.00 hs.	TESE: "Estatutos" Relator: Arnaldo Mandel
	14.00 hs.	Debates
	15.00 hs.	TESE: "Futuras Atividades" Relator: Aron Schneider
	16.30 hs.	Debates
	20.30 hs.	Reunião das comissões
DIA 7	8.00 hs.	Reunião das comissões
	14.00 hs.	Reunião da comissão permanente
	16.30 hs.	Sessão plenária, para resoluções e recomendações.
	18,30 hs.	Eleições e designações Sessão de encerramento

## REGIMENTO INTERNO

### DA PARTICIPAÇÃO:-

Participam da Veidá como delegados com direito a voz e votos:

- Os delegados dos snifim, à razão de um delegado por vinte chaverim, ou fração maior de quinze.

- Os chaverim da Hanhagá Artzit.

- Duas delegadas da Organização das Pioneiras.

- Dois delegados da Thuí Haavodá Hatzionit.

- Um delegado do Kibutz Bror Chail.

- Delegação de Vaadei Noar.

- Um delegado da Maskirut Olamit.

As sessões serão públicas para chaverim da shichvá Aliá para cima.

### DAS SESSÕES:-

A Veidá considera-se em sessão permanente até esgotar seu temário. Considera-se em quorum o plenário com a presença de dois terços dos chaverim delegados. Serão consideradas sessões somente os itens incluídos no temário, cuja ordem poderá ser alterada pelo voto de dois terços dos chaverim delegados. A sessão de abertura será dirigida pela comissão preparatória, assumindo a direção da Veidá, na primeira sessão regular do plenário, o Presidium devidamente eleito.

### DO PRESIDIU:-

Constará a mesa de um Ioshev Rosh, um Sgan-Ioshev Rosh e dois secretários de ata.

### DAS PALAVRAS E VOTO:-

- Tem direito a voto todo chaver delegado à Veidá.
- Os votos serão contados individualmente e não por delegação.
- A mesa votará regularmente, com exceção do Ioshev Rosh, que votará em caso de empate, em caráter decisivo.
- Na comissões, decidir-se-á, em instância final por votos, ficando entretanto factível o despacho de minoria ao plenário, a critério da mesma.
- As resoluções do plenário são tomadas por maioria simples de votos.
- Terão direito a palavra todos os delegados, suplentes e observadores credenciados à Veidá, permitindo-se-lhe falar no máximo cinco minutos, com direito a prorrogação por mais cinco minutos a critério da mesa, quando intervier pela primeira vez e cinco minutos sem prorrogação nas intervenções seguintes; excluem-se dessa norma os relatores de temas, quando de sua apresentação, ajustando-se-lhes ao regulamento nas intervenções seguintes:
- Chaverim não delegados, suplentes, ou observadores poderão fazer uso da palavra com assentimento prévio da Mesa. Com exclusão das moções resolutivas e declaratórias, conside

### DAS MOÇÕES:-

rar-se-ão, para regulamentação dos debates, duas espécies de moção:

- 1 - Moções Prévias: interrompem o debate, terminada a exposição do orador com a palavra, devendo ser votada de imediato, depois de falar um orador pró e um contra, se os houver com prazo máximo de três minutos e tem por efeito pedir que passe o assunto ao estudo de uma comissão.
- 2 - Moções de Ordem: encerram a lista de oradores, e dão o assunto por suficientemente esclarecido, mediante procedimento idêntico ao anterior.

DAS COMISSÕES:-

A Veidá constará de cinco comissões, que são as seguintes:

- 1 - Comissão Permanente: constituída por chaverim delegados em número de sete, eleitos em plenário.

Serão suas funções: propor ao plenário os elementos das demais comissões, discutir os assuntos debatidos em plenário na falta de comissões competente, coordenar as resoluções, apresentar em plenário proposta de eleições e designações.

- 2 - Cinco comissões constituídas por sete delegados cada uma encarregadas de elaborar orientações e resoluções referentes aos assuntos das teses, divididos como segue abaixo:

a - Hagshamá e shichvá bogueret

b - Shnat Hachshará

c - Chinuch

d - Estatutos, guisbarut e futuras atividades

e - Processos na comunidade judaica brasileira

Os observadores poderão participar nas comissões, com direito a voz a critério da comissão, tomado por maioria - simples de voto.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## INTRODUÇÃO

Esta Veidá se realiza numa hora decisiva na vida do movimento, possivelmente determinará o seu futuro, recém saímos da década de '60, a década da crise do movimento. Não a crise de um movimento recém-criado, mas dum movimento cuja história marcou profundamente a vida da juventude judaica do Brasil, e que existe como realidade marcante na geografia de Israel, no shaar ha Neguev. Foi a crise da mudança, forçada pela mudança da realidade israeli kibutziana, bem como das mudanças do Ishuv Judaico do Galut.

A problemática do movimento tem raízes na realidade do Galut novo e enriquecido, cujas bases judaicas estão profundamente enfraquecidas e cuja capacidade assimilatória aumenta com a radicação das novas gerações. O movimento é um reflexo, uma expressão do Ishuv, pois dêle vem seus elementos, em seu ambiente êle atua e são seus problemas que êle pretende resolver. Mas outra ó a crise do movimento, depois de em parte ultrapassada a crise da mudança, e a crise atual eventualmente é consequência da primeira: ó a crise de liderança.

Liderança exige senso profundo de realidade, serenidade dentro da crise, preparação intelectual para a busca de soluções, identificação absoluta com as necessidades coletivas e, antes de tudo, vontade. O movimento não se viu servido, nem preparou elementos dêsse calibre e a tempestade defrontada com falta de maestria pode levar o melhor dos movimentos à catástrofe.

O movimento fêz nos últimos anos uma série de tentativas para encontrar caminhos que o conduzissen à estrada real no entanto, incorreu em êrros nem sempre necessários. Abrimos os estudos universitários, mas não orientamos os chaverim para isso. Saímos para o shnat hachshará, mas não responsabilizamos seus participantes pelo futuro do movimento. A consequência disso é que vimos os chaverim que temaram estas resoluções abandonarem o movimento, e nem se pode afirmar que a retirada foi ordeira.

O movimento não está completamente amadurecido e sua liderança não foi forjada no espírito da disciplina ditada pela compreensão do justo valor das relações entre interêsses pessoais e as necessidades do movimento. Falta-lhe ainda a realização, fator básico para a saúde de um movimento juvenil. Estes serão os problemas que a Veidá deverá resolver, usando os instrumentos existentes ou criando novos.

O movimento é uma necessidade do galut, êle tem uma concepção clara, e tem em Israel uma fonte de inspiração, e cria-se hoje no Brasil em condições favoráveis, êle tem feito o possível para compreender a realidade e poder adaptar-se para poder dominá-la. Está à sua frente um difícil caninhe para retomar o seu caráter de movimento chalutziano, formar seus garinin, e realizar.

Esta Veidá deverá ter isso em mente quando debater e estudar a realidade do movimento, sua concepção e seus planos de trabalho. A História passarão os movimentos que tiveram a capacidade de compreender e a férrea vontade de agir. O movimento compreendeu, a ação dependerá de seus chaverim, e esta Veidá deverá disso ser a constatação e o seu marco.

## Relatorio da Maskirut Peilá à VI Veida Artzit

Fazendo uma análise da situação do movimento nos últimos quatro anos, concluímos que:

1 - O êxito do movimento juvenil depende em grande parte da qualidade de seus quadros dirigentes, de seu preparo, de sua consciência quanto aos designs.

Na procura de solução para a crise da dirigência surgida em 1962, por: a) sensação de fraqueza e ausência de funções; b) falta de experiências chalutzianas, como Hachshará e c) uma interpretação imatura da Eretz Israel e do kibutz, que se expressava em formas utópicas ou negativas, a última Veidá resolveu instituir o shnat hachshara velimudim.

Assim, o movimento é moldado de acordo com uma visão formulada em consequência das experiências de seus elementos em Eretz. No entanto, a falta de estrutura chinuchi do movimento lhe deu características extremamente individualizantes, de acordo com conclusões tidas pessoalmente com a realidade israeli, sem qualquer conotação com alguma teorização baseada nas perspectivas de atuação no Brasil.

2 - O movimento juvenil, por suas características, é o primeiro a sentir as consequências de uma crise que porventura domine uma comunidade.

Por seu caráter combatente e das linhas perfeitamente claras que defende, a crise obrigará o movimento a sofrer profundas alterações estruturais.

Depois da guerra dos seis dias, constatou-se um ressurgimento no seio da comunidade judaica do Brasil de preocupações quanto a seu futuro, uma maior conscientização do volume e força das tendências assimilatórias, provocando uma reação contra isso de uma forma construtiva, surgindo uma liderança com uma visão mais sã e realista quanto às realidades ishuv-Medinat Israel.

Consequentemente o movimento juvenil voltou a atrair e ser bem visto em uma série de setores do ishuv que tinha sido obrigado a abandonar por falta de apoio moral. No entanto, para muitos, a ideia de movimento juvenil se vincula ao fator educativo no sentido de continuidade e visão positiva do judaísmo, sem ver no movimento um alcance mais profundo. Deve-se acrescentar a elevação na percentagem daqueles que em breve pretendem fazer aliá e mandam os seus filhos para o movimento juvenil, para que tenham uma noção da realidade israeli, ou de vivência em grupo.

Por estes motivos, o movimento, nos três últimos anos sofreu um brusco aumento numérico, em todas as suas camadas, e nem sempre contava com uma estrutura capaz de absorver os novos elementos, acarretando assim uma grande dissolução do conteúdo.

3 - O movimento sofre de uma falta de madrichim capazes de absorver qualitativamente o aumento numérico. Concomitantemente a isso, a tendência é aumentar o número de bogrim no movimento, que a longo prazo poderiam solucionar o problema. Entretanto, é importante para a permanência destes bogrim no movimento a vivência ideológica cultural de um nível mais alto, num misto de responsabilidade de dirigência, que deve incluir o trabalho com outros universitários, preparação à sua aliá, e ser um fator que norteie a atuação do movimento.

4 - Em consequência das tendências individualizantes dos elementos do movimento tanto em matéria de aliá como de vivência no movimento, diminuiu a consciência das necessidades do movimento no seu geral, pois cada chaver no movimento juvenil mais um fator temporário quase que essencialmente educativo e não vê perspectivas de realização dentro dos quadros do movimento. Visto isso, nota-se uma maior preocupação por uma atuação geral judaica e do conhecimento das diversas opções que a realidade israeli criou quando trata de definir o tipo de futura aliá. O nosso futuro dependerá da nossa capacidade de resolver o problema, abrir perspectivas de realização dentro dos marcos atuais, e educando nossos chaverim de modo a identifica-los mais com os problemas e necessidades do coletivo.

## II - CHINUCH

No biênio 1966-1967 praticamente não existiu um chinuch centralizado no movimento, de modo que cada snif fez nesse campo aquilo que necessidades imediatistas locais exigiam, sem uma programação planejada a longo prazo.

Nos dois últimos anos, aumentou a preocupação neste aspecto, que estava refletindo nos encontros nacionais de shichavot cujos elementos nada tinham em comum, e na concepção dos chavreim da tnuá e suas metas.

No momento, os maiores problemas de chinuch na tnuá são:

- a) Baixo número de chaverim que dão peilut.
- b) Motivação e preparação em relação a adricha.
- c) Impôrtância de shich vot mais homogêneas e uma estrutura chinuchi nacional, de modo a não cairmos num caos no que se refere a organização de atividades de âmbito nacional e participação em machzorim de shnat hachshara.

## III- GUISBARUT

A Guisbarut Artzit nos últimos quatro anos esteve em franca ascensão no sentido de organização e planificação. Grande parte de seus problemas foram sanados, e os gastos racionalizados. Depois do grande fracasso financeiro das atividades de Janeiro de 1970, inclusive o shnat Hachshará, foi adotada uma linha mais rígida, com o estabelecimento de uma série de normas visando a moralização e planificação dos gastos dentro da tnuá.

O grandd problema é a falta dd elementos da própria tnuu que se dêdiquem ao assunto, e nos ultimos quatro anos, apenas durante um ano e meio a guisbarut artzitz esteve em mão de um chaver da tnuu.

#### IV - Itonut

O quadriênio foi fertil em publicações sobre todos os temas, nem sempre suficientemente valorizadas pelos chaverim. A Igueret lachaver cumpriu uma função d. fundamental importância, unindo os chavreim dd todos os snifim, na informação e formação. Desde o ultimo Kinus, foram publicadas as seguintes chovrot:

Diunuim, Tochniot hachodesh de tarbut, Movimentos Juvenis, Teoria da nacionalidade israeli, "Tochnit a questão Nacional", e estão no prelo para o chadesh hatnuu: Orot ( para Solelim), Laboné, Min a discussão com Hersz Hasseimer, Diunim.

#### V - Administração

Toda a parte de administração foi reformulada e posta a funcionar, a cada ano ampliada, dd acordo com as necessidades do movimento, aumentando numericamente. As atividades centrais cada vez eram melhor organizadas e planejadas, dd modo za permitir um numero grande de participantes.

Durante algumas épocas, sentiu-se a falta de elementos que se dedicassem mais a esta parte, bastante importante como condição necessaria ao suceso das atividades realizadas pelo movimento.

#### VI - Relações Externas.

1 - O Conselho Juehil Judaico teve nos anos 67 e 68 uma crise de funcionamento, mas em 1969 ressurgiu com uma série de atividades que criaram um ambiente positivo de trabalho conjunto entre as tnuot e grupos juvenis,

2 - O relacionamento com a Organização das Pioneiras foi sempre o melhor possível, com apresentações artisticas, artzaot e prestação de informação de um lado, e a participação de diversas chaverot em vaadei noar e em campanhas financeiras conjuntas. Alem disso, os contatos sempre foram intensos, numa ajuda bi-lateral no que era possível.

3 - Os vaadei noar tiveram o seu auge em começo dd 1969, funcionando em todos os snifim do movimento. No entanto, por falta de trabalho por parte do movimento e sensação de ausencia d. finalidades, praticamente se dissolveu em todos os snifim, com exceção de São Paulo e Porto Alegre, onde se preocuparão com as construções dd moadonim e com a problemática do movimento juvenil. Vemos na existência de Vaadei noar importância fundamental, principalmente para o trabalho nos seguintes setores

a- Trabalho comp pais de chahichin, dando-lhe oportunidade dd compreender melhor as atividades do movimento, e auxiliá-lo, naquilo que lhe for possível.

b - Auxilio aos chaverim em trabalhos de relações externas, a problemas do movimento engeral.

c - Independencia financeira do snif.

d - Construção e melhoramento dos snifim.

e - Organização de campanhas financeiras.

4 - Iníciou-se, há cerca de dois meses o trabalho em relação à campanha da afiliação a Organização Sionista, o mifal hachaverut. Vemos neste trabalho uma importância especial para o movimento Sionista e para o Estado de Israel, visando identificar o povo judeu com o sionismo, e renovar a ideologia sionista. Cremos que deverá ser uma das metas do movimento no próximo semestre o trabalho de afiliação.

5 - Em outubro de 1969, entrou em contato com o movimento um grupo de jovens judeus de Salvador, no sentido de um auxilio nas suas atividades

A posição do movimento foi de apoio, incluindo a participação de chaverim em machanot de Recife, seminários e envio de material educativo

Cabera a vedá artzit, de acordo com pedido do grupo, resalvar sobre a criação de um snif do movimento em Salvador.

## BALANCETE ANUAL DE GUIBARUT ARTZIT

de 21/8/69 a 21/8/70  
A T I V OIMOBILIZADO

saldo do ano anterior

3 941,80

REALIZADO

## 1- Mifalim:

a- Luach 4 748,00

b- Vinho 10 620,00

15 368,00

## 2- Shnat Hachshará (1969)

2 514,00

## 3- Shnat Hachshará (1970)

a- Chaverim 13 228,00

b- Campanhas 1 990,00

c- Kupá da kvutzá 800,00

d- Snifim 376,00

16 394,00

## 4- Instituições

a- Pioneiras 5 570,00

b- Vaad Hanoar-CTB 620,00

c- Outros 3 000,00

9 190,00

## 5- Subsídios especiais

32 190,00

## 6- Machanot:

a- saldo das atividades jul-70 933,00

## 7- Keren Lemoadonim

5 000,00

## 8- Outros

2 507,00

88 255,58

REALIZÁVEL

## 1- Shnat Hachshará (1970)

a- a curto prazo 300,00

b- duvidoso 1 200,00

1 500,00

## 2- Devolução de empréstimos:

a- Snifim 3 164,05

b- Vaad Hanoar-SP 2 500,00

c- Chaverim 866,00

d- Outros 350,00

6 880,05

## 3- Instituições:

a- Chevra Kadisha (duvidoso)

5 000,0013 380,05101 635,63

P A S S I V O

NÃO EXIGÍVEL

1- Administração:		
a- Salários	1 078,00	
b- Telefones	3 169,00	
c- Compra de máquinas	450,00	
d- Presentes, visitas, etc.	785,15	
e- Outros	<u>3 927,01</u>	
2- Viagens e shlichuiot		9 409,67
3- Shituf-manutenção de chaverim		2 666,80
4- Machleket Itonut		9 881,77
a- papel, stênceis, etc.	1 904,00	
b- Despachos	<u>406,20</u>	
5- Reuniões, passagens e congressos		2 310,20
6- Subsídios aos snifim		2 075,30
a- Recife	262,00	
b- São Paulo	3 500,00	
c- Hachshará	<u>728,50</u>	
7- Empréstimos concedidos:		4 490,50
a- Snif Pôrto Alegre	2 530,00	
b- Snif Rio	584,05	
c- Snif São Paulo	50,00	
d- Vaad Hanoar-SP	2 500,00	
e- Chaverim	<u>866,00</u>	
8- Mifalim:		6 530,05
a- Luach	4 994,50	
b- Vinho	<u>8 201,00</u>	
9- Machanot e atividades centrais: (coberturas de deficit)		13 195,50
a- Machanot Kaitz 1970	9 606,00	
b- Seminar Hakadnim e Lopeilin- 1954,60		
c- Outros	<u>1 297,00</u>	
10- Shnat Hachshará 1970		12 847,60
		<u>22 560,00</u>
		35 967,30

transporte - Não Exigível

85 967,39

EXIGÍVEL

1- Subsídios aos snifim:

a- Recife 1 250,00  
b- Porto Alegre 2 040,00  
c- São Paulo 1 250,00

4 540,00

2- Viagens e congressos

a- VI Veidá Artzit

2 570,00

3- Shituf (set-out)

2 000,00

4- Administração (set-out)

2 000,00

11 110,00

OUTRAS EXIBILIDADES

1- Koren Lomodonin

2 250,00

2- Rikuz leinianeí shichvá Aravá

900,00

3 150,00

PERDAS

perdas

45,00

45,00

LUCROS

1- Disponível(21/8)

2 243,19

2- Realizável :

a- a curto prazo(negativo) -7 079,95

b- duvidoso 6 200,00

1 363,24

101 635,63

## PROCESSOS NA COMUNIDADE JUDAICA BRASILEIRA

relator: BENJAMIN ROISMAN

A Organização da comunidade judaica no Brasil reflete o ambiente social e cultural em que viveram os fundadores do "ishuv", oriundos em sua maioria de pequenas cidades e aldeias da Europa Oriental.

Os imigrantes judeus que começaram a chegar em massa ao Brasil, por volta dos anos de 1910 e 1920, tiveram que encontrar uma base econômica para sua subsistência, e, em sua grande maioria, se atiraram ao pequeno comércio. Lado a lado com as dificuldades econômicas, começaram a organizar as instituições de caráter religioso, filantrópico, cultural, educacional e social.

Dentro do judaísmo no galut há o constante processo no qual se refletem duas forças fundamentais em relação à preservação do judaísmo: força centrípeta e força centrífuga.

As forças centrípetas fizeram com que os primeiros imigrantes judeus se organizassem antes de mais nada, em instituições de ajuda mútua (beneficência, landsmanshaftn, cooperativas de crédito). Concomitantemente, viu o judeu a necessidade premente de formar instituições de caráter idiosincrático, isto é, instituições que preservassem as características fundamentais da vida judaica nos momentos principais da vida de cada membro de qualquer coletividade (nascimento "brit-milá", formação pessoal, debutação social "bar-mitzvá", casamento e morte - sinagogas, escolas judaicas e chevrá kadisha).

E, por fim, desenvolveram-se as instituições de caráter sócio-culturais e políticas (grêmios, clubes, bibliotecas, movimentos de caráter político judaico).

Grande parte dessas instituições foram formadas nos moldes importados da Europa Oriental.

A primeira geração quase que não sofreu do processo de integração à sociedade circundante, por ter chegado ao Brasil com uma formação judaica cristalizada. Inclusive em lugares afastados no interior brasileiro para onde chegaram os judeus, vimos uma organização kehilati que mantinha unidos os pequenos ishuvim.

Na segunda geração nascida no Brasil fomos testemunhas de processos centrífugas acentuados:

- 1 - A bagagem cultural judaica da primeira geração foi transferida para a segunda de forma muito diluída.
- 2 - A segunda geração teve possibilidades econômicas oriundas da situação criada pela primeira (não teve que lutar a batalha do imigrante) e nem preocupar-se com as vicissitudes do pão nosso de cada dia. Ela teve possibilidades de ingressar nas universidades, numa proporção infinitamente superior à sociedade circundante e vemos esta geração situada em grande parte, e, em posição de destaque, - nas profissões liberais.
- 3 - A sociedade brasileira, como sociedade aberta, forneceu amplas possibilidades de integração em seus meios.

Como consequência desses processos vemos uma transformação básica na essência das instituições formadas pela primeira geração ou pelo desaparecimento de algumas instituições que não correspondiam às necessidades de integração à sociedade brasileira.

Neste âmbito, vemos o desaparecimento de grande parte das sinagogas, landsmanshaftn, caixas de crédito mútuo, a mudança do caráter das escolas judaicas e o aparecimento de instituições sócio-culturais copiando o status social da realidade brasileira (Hebraica, Monte Sinai, Asa, etc.).

Com o estabelecimento de Medinat Israel, desenvolveram-se as atividades das instituições de caráter sionista e apareceram os movimentos kibutzianos.

E, hoje com o aparecimento da terceira geração, nota-se uma transformação na ponderação dos valores da segunda geração. Parte da segunda geração tenta evitar os processos assimilatórios iminentes, e busca dentro da sociedade brasileira, e judaica novas formas de institucionalização.

As formas institucionais judaicas no Brasil não se cristalizaram ainda como nos Estados Unidos e somos testemunhas, por um lado, da desorganização da vida judaica e por outro lado, por esforços no sentido de criar uma comunidade organizada (kehila), que é no momento a única forma mais adequada de preservação do judaísmo no galut.

A terceira geração não é uniforme e podemos localizá-la em vários campos:

- 1 - juventude que procura o seu lugar no judaísmo;
- 2 - juventude que se assimila;
- 3 - juventude que não se arraigou ao judaísmo e também não se integrou por completo na sociedade circundante, busca, como judeus que são, solução aos seus problemas em movimentos cosmópolitas.

No sentido político houve uma transformação essencial nas instituições judaicas brasileiras. Enquanto há vinte anos atrás o ishuv estava dividido em sionistas e anti-sionistas (progressistas) vemos hoje uma maior identificação com Israel, principalmente após a guerra dos 6 dias.

A Organização Sionista do Brasil, que teve seu auge na época do estabelecimento do Estado, desmoronou-se e hoje vemos um processo de ressurgimento do institucionalismo sionista.

O mesmo processo se deu nos movimentos chalutzianos que teve seu auge nos anos do estabelecimento do Estado, passando mais tarde por crises violentas, e vemos, hoje, novamente, o jovem judeu buscando sua ligação ao judaísmo através dos movimentos juvenis, movimentos universitários, estudos e turismo em Israel, etc.

Por outro lado, a grande maioria da juventude judaica está atraída pelas amplas possibilidades do desenvolvimento econômico, cultural, social e artístico da sociedade circundante e não há dúvida de que boa parte dela se perderá ao judaísmo, podendo, talvez, voltar a êle com o nascimento da quarta geração ou ...

## SHICHVÁ BOGUERET E ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

relatores: JACOB WARSHAWIAK  
RAYMOND LEVY

A Veidá que pernitiu os estudos universitários em 1962 criou como consequência lógica a permanência do chaver no Brasil por mais alguns anos, durante os seus estudos. A situação do boguer universitário na tnuá e sua atuação foi muito pouco discutida até hoje, pois a shichvá que tomou a resolução da abertura abandonou a tnuá, deixando-a num vácuo de liderança que só agora começa a ser preenchido.

A abertura do estudo pretendia, entre outras coisas, tornar a tnuá mais adulta, de maior nível, e deveria dar ao jovem a possibilidade de ser judeu e se realizar profissionalmente ao mesmo tempo.

No entanto, a tnuá não soube conciliar os estudos universitários - do boguer com sua permanência no movimento. Em geral o boguer era pail durante um ano e então afastava-se. O grêmio, o diretório acadêmico e outros organismos o atraíam muito mais.

Hoje, com o shnat Hachshará e ultrapassada grande parte da crise - de 1962, o movimento conta com número significativo de bogrim. A shichvá bogueret está nos seus primeiros passos e terá que estar capacitada para dar à tnuá o exemplo que ela tanto necessita: formação de um garim aliá. Pois a existência de uma shichvá bogueret exige dois requisitos fundamentais:

1 - Vivência de shichvá tal qual shichvá de bonim ou maapilin - tiulin, seminários, peguishot, etc.

2 - Pensamento comum em relação à hagshaná.

O crescimento do número de chaverim no movimento, inclusive - shichavot mais velhas é um caminho delinável e palpável que deverá normalizar as futuras shichavot de bogrim, em quantidade, peilut e hagshaná.

Para que isto se realize, torna-se necessário:

1 - Orientar e discutir amplamente com o chanich o problema dos estudos, ANTES de sua entrada na faculdade.

2 - Traçar diretrizes de trabalho e atuação da shichvá bogueret no movimento.

Passaremos a discutir êstes dois pontos básicos:

### 1 - ORIENTAÇÃO PARA OS ESTUDOS SUPERIORES

No momento em que se aceitou que um chaver estude na universidade, tal aceitação não foi acompanhada de orientação ou de colocação de exigências frente ao chaver. Cremos ser o momento disso ser feito. Propomos que seja realizado anualmente um seminar choref para bonim II, dedicado ao problema dos estudos universitários, orientando os chaverim no seguinte sentido:

A - Mantemos a nossa posição ideológica no que se refere aos estudos superiores em nossa sociedade, onde o acesso à universidade é limitado por questões econômicas. A corrida à universidade motivada por razões de status social ou vendo - na profissão apenas um meio de enriquecer-se deve ser severamente condenada pe-

lo movimento. Devemos alertar e educar nosso chanich neste sentido, exigindo dele uma posição clara a respeito.

B - Apesar disso, não negamos o valor dos estudos, desde o momento em que estes forem encarados como um meio de hashlamá cultural e espiritual, e a profissão - fôr para o indivíduo um meio de produzir melhor para o coletivo e uma realização pessoal no seu trabalho.

C - A situação de universitário ou pré-universitário na tnuá, dada sua idade, - nível e condição, exige que ele seja militante. De forma nenhuma podemos admitir que a universidade ou o "cursinho" sejam alegação para a não-peilut no movimento. A peilut deve ser uma condição "sino qua non" para a permanência do boguer no movimento, de forma que não sintamos, como no passado, uma falta de liderança capaz de levar o movimento à catástrofe. O exemplo pessoal dos bogrim que estiverem no movimento é fundamental para a peilut das próximas gerações.

A base de um movimento juvenil é a auto dirigência, e seu sucesso será determinado pela quantidade e qualidade de sua dirigência militante adulta (referimo-nos a maapilin e bogrim).

D - A escolha da faculdade a seguir é feita no Brasil quando o jovem em geral - não tem condições de maturidade para tanto. Em consequência disto, muitos seguem a carreira indicada (leia-se pressionada) pelos pais ou por outros fatores externos. É importante que no seminário aos bonim II seja dada certa visão das vantagens e desvantagens de cada curso superior, dado por chaverim já estudando nestas faculdades, dando assim uma visão geral das possibilidades práticas de cada profissão em Israel, especialmente no kibutz.

Desta maneira, evitaremos pelo menos parte dos problemas do item A, mostrando ao chanich realmente o que é uma escola superior, e orientando-o a - que faça a escolha por si mesmo, sem influência de fatores externos.

E - É conhecido o processo do jovem que entra na faculdade e se "deslumbra" com o movimento estudantil e a vida social e cultural do meio universitário, abandonando a tnuá. Cumpre darmos ao chanich uma visão real do problema e uma análise do que é o movimento estudantil no Brasil, assim como do processo do estudante brasileiro.

Em resumo, cremos que, se aceitas as nossas propostas, poderemos - finalmente ter clara a posição do movimento em relação a estudos superiores, não deixando ao chaver na tnuá margens para dúvidas ou interpretações incorretas.

## 2 - ATUAÇÃO DO BOGUER NA TNUÁ

Se quisermos de uma vez por tôdas deixar de ser um movimento infantil, ou , no melhor dos casos, infanto-juvenil, torna-se mister delinear as funções que - deve ter o boguer, universitário ou não, dentro do contexto tnuati. Muitas vezes fomos vistos pelo Ishuv como um lugar onde se pode mandar crianças de 10-15 anos para que sejam bons judeus. Cumpre demonstrar que movimento juvenil não é isto, e, muito pelo contrário, é um movimento revolucionário onde participam jovens, e não crianças. Isto só poderá ser feito através de uma shichvá bogueret forte e militante. Propomos abaixo alguns trabalhos específicos de bogrim:

A - RELAÇÕES EXTERNAS: - O movimento é parte do Ishuv brasileiro, e, embora ne-

que o galut, é produto do mesmo. Isto os chaverim precisam ter bem presente. Embora a solução por nós aventada para a problemática judaica tenha em última análise a negação da vida judaica no galut, esta negação não implica em se eximir das responsabilidades pelos judeus e pelo judaísmo no galut, mas, pelo contrário, como produto deste galut e como vanguarda que tem a possibilidade de melhor compreender o momento histórico que vivemos, temos responsabilidades multiplicadas tanto na manutenção do judaísmo, como de uma vida orientada para Israel. Sobre este aspecto deve ser encarada a atuação política do movimento. Não são demonstrações de força, luta por verbas ou gratuitos jogos de xadrez, mas é levar a cabo, em determinado campo as metas de movimento juvenil judaico que somos.

B- PROSELITISMO E CHATIVOT - Somos contrários à formação de chativot universitárias tal qual as conhecemos, pois no momento em que permitimos que nossos chaverim estudem na universidade, devemos obviamente ter condições de absorver universitários dentro da estrutura chinuchi normal da tnuá. Isto dizemos porque chativá geralmente implica em um grupo que tem uma vivência social e cultural normal, mas nenhum compromisso de peilut ou qualquer outra exigência por parte do movimento. Entretanto, cremos ser um trabalho importante o proselitismo com universitários, sempre que a meta final seja a integração completa na tnuá. Nos situações em que isso foi feito seriamente, os resultados foram significativos, demonstrando a viabilidade da proposta. É claro que não se farão exigências de um universitário recém ingressado no movimento, e mesmo o trabalho inicial pode ser feito fora da misgueret tnuati, mas o processo deverá ser intensivo no sentido da absorção na estrutura tnuati.

C - TRABALHO INTERNO - O boguer não deve exercer funções que são normalmente de bonim e maapilin, mas o trabalho dentro do movimento é fundamental e prioritário. O trabalho do chinuch, itonut e preparação de machanot e seminários para bonim e maapilin é essencial para a continuidade da tnuá, e exclusiva de bogrim. Praticamente todo o trabalho de hanhagá artzit e centralização nacional deverá ser feito por bogrim preparados para tal fim. Propomos que neste sentido seja também planejada a entrada nas faculdades em cidades, de forma a poder-se realizar - um plano de shlichuiot em bases práticas e reais.

A necessidade do trabalho interno do boguer é o corolário natural de que para haver um sadio sentimento de responsabilidade em relação ao movimento e pela manutenção dele, é necessário que a tnuá, através de chaverim seus, se autodetermine. Esta real liderança deverá se traduzir pela estruturação de uma hanhagá artzit não apenas nominal, mas funcionando, constituída por chaverim bogrim.

#### CONCLUSÃO:

Tentamos através desta tese colocar uma série de problemas da shichivá bogueret, na nossa opinião os mais importantes, e a apresentar algumas soluções. O tema não está evidentemente esgotado, e eventualmente o debate trará novos elementos. De qualquer modo, cremos que as tarefas concretas que estão à nossa frente são muitas, e que a ação realizará sempre muito mais que as palavras. Resta esperar a ação dos chaverim.

## H A G S H A M Á

relator: MIGUEL MELZAK

Passados oito anos da abertura dos estudos universitários, colocamo-nos a mesma problemática de então: a procura de novos caminhos que nos reconduzam ao diálogo com a juventude com a qual trabalhamos, no sentido de aumento de chaverim begrim e universitários, criando condições reais que permitam esta absorção, dentro dos marcos da hagshamá kibutzit.

Primeiramente, cabe fazer uma análise das mudanças ocorridas na sociedade judaica neste período, principalmente com as consequências que acarretou a guerra dos seis dias.

Antes, o jovem era influenciado pelos pais no sentido de uma procura de posição social e profissional, através das Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito. Tal mentalidade mudou, e o jovem, envolvido pela era tecnológica tem uma maior liberdade de escolha. Não é mais o caminho traçado pela família - que ele percorrerá, e sim, numa adaptação à realidade, os cursos de eletrônica, bioquímica, química, letras, filosofia, arte, aperfeiçoamento de técnicos, agricultura, etc. Novos horizontes foram abertos.

Após a guerra dos seis dias, a Sochnut Haiehudit investiu todos seus esforços na tentativa de absorção de jovens judeus, acadêmicos e profissionais liberais. O movimento nunca poderia concorrer com esquemas como os montados, com bolsas de estudo, moradias, vagas na universidade, sem nenhuma exigência de compromisso sério com a mediná, desde que os interessados têm um status de residente temporário. A condição de olé definitivo não é assumida pela maioria.

Como enfrentar e suplantar a realidade que a Sochnut nos impõe ?

O número de chaverim que optaram por estas propostas de estudo em Eretz é grande, e devido a uma falta de orientação central da tnuá, desligaram-se completamente da realidade tnuati, e principalmente de uma identificação kibutziana. A realidade nos mostra que de ano para ano, será maior o número de chaverim que irão estudar em Eretz, maior será o número de aliot individuais, dos que prosseguirem seus estudos em Eretz, e dos que terminarem seus estudos no Brasil. O que propõe o movimento continuar ? Diluir-se por diretrizes traçadas em épocas anteriores a esta realidade, propondo a formação de garinim utópicos ?

Continuar mantendo no movimento um processo de hagshamá que dure um tempo longo, necessário para o chaver terminar a sua faculdade, é completamente inoperante na atual realidade. Praticamente todos os chaverim da tnuá desejam ingressar na universidade, e a realidade universitária brasileira tem demonstrado que dia a dia é maior o número de jovens judeus participantes em movimentos universitários não-judeus. Os próprios chaverim da tnuá cedo ou tarde serão envolvidos por esta problemática. A estrutura da tnuá não está e não poderá estar capacitada para absorver o chaver universitário em todo o seu tempo de faculdade.

Os esquemas montados pela Sochnut Haiehudit não só atingem os jovens

universitários, como também o chaver em idade de 13-17 anos, através das propostas de Aliat Hanoar. Esquemas e mais esquemas e propostas são montados pela Sochnut. A Sochnut está numa posição de Esfinge que diz aos movimentos juvenis - chalutzianos: "Decifra-me ou te devoro".

Apresentamos como solução a aliá por "misgarot", congregando todos os chaverim que em um ano irão estudar em Eretz, organizados numa comuna na cidade, ligados seu kibutz hashlamá.

Por exemplo, um garin/misgueret partindo no ano de 1972 congregaria todos aqueles chaverim que iriam estudar em Eretz, ou bogrim que não quisessem continuar os estudos. Os estudantes montariam na cidade um tipo de comuna onde seria reforçada achvrá interna (não isolamento), procurar-se-ia agregar ex-chaverim que já se encontram estudando em Eretz. O keshet com o kibutz hashlamá e os outros chaverim do garin se faria através de fins de semana, chaguin, chufshot, e, depois de terminados seus estudos, se estabeleceriam definitivamente no kibutz.

Para o chaver que se sente envolvido pelas propostas da Sochnut, esta opção é bem mais fácil, dando ao indivíduo a possibilidade prática de realizar seus sonhos ideológicos - o Kibutz. O chaver continua seus estudos na universidade local sem uma chevra autêntica pois não consegue se desvincular da dicotomia aliá-estudos aqui. No movimento suas atividades são somente de peilut, já que não existem plugot de bogrim nos diversos snifim, mas sim apenas em âmbito nacional. O número de bogrim por snifim é insuficiente para uma vivência chevratit normal, apesar disso ser possível em âmbito nacional, durante as machanot.

#### KIBUTZ E ALIÁ HUMANISTA

O que queremos levar ao jovem não é uma proposta de vaga na universidade, nem mesmo uma aliá para uma comuna, mas sim levá-lo a participar objetivamente da idéia de transformação da sociedade judaica, do indivíduo, na construção de uma nova sociedade com bases judaicas, sionistas-humanistas. Essa tem no kibutz sua real expressão. O kibutz é o meio de atingirmos essa construção, Não devemos conclamar, repito, o jovem judeu para cursar uma faculdade, sem consequências.

É tão inenso o caráter de nossa revolução que somente o indivíduo plenamente identificado com o coletivo poderá realizá-la. O movimento orienta seus chaverim não somente para a luta social, transformação do indivíduo, sociedade, para uma vida social diferente, tendo no kibutz sua forma concreta. Não pretendemos que toda medinat Israel seja um kibutz, mas sim transformada num estado onde as diferenças de classes não sejam a tônica da sociedade, onde o menos profissionalizado possa andar lado a lado com o mais profissionalizado, na luta de edificação de uma mediná humanista, que possa servir de base para uma integração da sociedade em nível universal. As transformações judaicas não serão fixadas - com fins puramente de isolamento, servirão de exemplo para o resto da Humanidade. E o movimento kibutziano será o fator principal da unificação do movimento obreiro judaico.

Concretamente, proponos:

- 1 - Iniciar, sob a orientação da Hanhagá Artzit, uma série de esclarecimentos, em forma de seminários, grupos de estudos, chovrot, diunin, palestras e debates amplos, no sentido de colocar os chaverim dentro da realidade kibutziana (época industrial, avanço tecnológico).
- 2 - Tochnit de estudos, ~~de~~ ~~sobre~~ ~~o~~ ~~kibutz~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~sociedade~~ ~~israeli~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~sociedade~~ ~~de~~ ~~universal~~.
- 3 - Que o movimento oriente a todos os seus chaverim em idade universitária (com reais possibilidades) a estudar em Eretz.
- 4 - Que esta orientação seja norma e não meta do movimento. Isto em função de uma adaptação do movimento às transformações por que passa o Ishuv Judaico no Brasil.
- 5 - Que a partir de dados obtidos dos chaverim, obtidos por uma vaadá da Hanhagá Artzit sejam organizados garinin/nisgarot de chaverim, congregando, em cada ano, os chaverim numa das seguintes situações:
  - chaverim que vão estudar em Eretz
  - chaverim que vão direto para o meshek
  - chaverim que já estão em Eretz, pertencentes à shichvá do Garin.
- 6 - Que a Hanhagá Artzit entre em contato com a maskirut clamit, Kibutz Bror - Chail, Sochnut Haiehudit, no sentido de exame de tôdas as possibilidades e problemas técnicos para a realização dêste nifal, instalação da comuna, keg her com o kibutz, estudos dos chaverim.
- 7 - Que seja feita uma análise da possibilidade de se incluir chaverim em idade para aliat hanoar que seriam incluídos na misgueret/garin.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## SHNAT HACHSHARÁ

relatores: MAURÍCIO MILGRAM

SOLON PRICLADNISKI

Depois de 4 anos de realização do shnat Hachshará, cumpre fazer uma reavaliação e análise do que já foi feito, dentro de uma perspectiva histórica, assim como verificar em que medidas o shnat hachshará cumpriu com as metas - que lhe tínhamos fixado na última Veidá, no Rio de Janeiro. Cabe ainda vermos se os objetivos que nos tínhamos proposto então ainda são válidos para a realidade atual, e, em caso negativo, colocarmos os novos objetivos ou simplesmente acabar com o shnat hachshará.

Vários são os motivos que nos levaram a debater este assunto na V Veidaá Artzit, na qual se chegou a certas conclusões que se traduziram na necessidade de realização do shnat Hachshará.

O shant Hachshará surgiu como necessidade de suprimir certas - falhas da tnuá tais como ausência de aliá contínua de nossos chaverim. Com o - shnat Hachshará, cria-se uma série de possibilidades que facilitam a formação de garinei aliá, tentando-se, desta maneira, reiniciar o processo de aliá contínua.

Há alguns anos atrás, a Hachshará Ein Dorot funcionava como um centro de preparação agrícola do qual participavam aquêles que estavam se preparando para a aliá kibutzit dentro do marco de garinim. Com a falta de chaverim - para continuar este processo, deixou a Hachshará de representar o centro de preparação agrícola. Esta preparação é de suma importância visto que nossa tnuá visa como meta final da hagshamá uma aliá kibutzit onde a vida se fundamenta na - agricultura. Para substituir as funções desta Hachshará no Brasil, conclui-se que o melhor método seria utilizarmos como centros de preparação agrícola os próprios kibutzim de Israel que ao mesmo tempo traduzirá de modo mais fiel esta realidade. Com esta nova medida, não ficam desprezados os dois motivos essenciais pelas - quais funcionava a Hachshará Ein Dorot: dar uma visão tanto real quanto possível do trabalho no kibutz e criar um ambiente chevratí para um grupo que faria sua - aliá kibutzit em conjunto.

A ausência de finalidades claras a um chaver ao entrar na facul - dade referindo-se tanto aos conhecimentos e valorização de nossas metas, como na realização das mesmas, refletindo sobre maneira quando se deseja imprimir mais - seriedade - caráter essencial para um movimento juvenil. Com a abertura dos estu - dos universitários na tnuá, deixou-se mais um espaço em branco para os chaverim dentro dos termos de realização e trabalhos práticos no movimento, porque isso - não era a realidade tanto que os chaverim que chegaram a esta conclusão abandona - ram a tnuá não pondo em prática esta idéia.

Isto se deve ao fato de que o tempo entre a entrada na faculda - de e o término desta é relativamente grande, tempo suficiente para que a perspec - tiva de criação de garin aliá após a saída da faculdade, se as idéias não forem concretas, se torne muito vaga, acarretando o conseqüente desligamento do chaver da tnuá. Por outro lado, o chaver participante do shnat Hachshará adquire uma sé - rie de experiências e tem à sua frente uma perspectiva de aliá em garin, começan - do seus estudos no Brasil e eventualmente termina-os em Eretz, com seus chaverim.

Dá um sentido e uma visão mais ampla, tanto em relação aos estudos que se quer desenvolver, como a intensificação da peilut na tnuá e a criação de camadas mais adultas dentro do movimento.

Como conseqüências diretas da realização dum shnat hachshará em Israel, podemos receber a exemplificação e a exposição prática de nossas formas de trabalho e principalmente de nossa ideologia, pois estando em Eretz e vivendo a realidade israeli, vendo os frutos da criação e da realização da tnuá brasileira em Eretz, como no caso de Bror Chail, estando em contacto direto com chaverim que fundaram a tnuá no Brasil e chaverim que dirigiram a tnuá em âmbito mundial, as conclusões a respeito de nossa ideologia quanto às nossas formas de trabalho são muito melhor apreendidas e compreendidas.

Existe também o fato de se ter um conhecimento mais real e uma vivência prática da sociedade israeli no seu total, especialmente o kibutz. Com o contato direto com a realidade israeli, os chaverim que participam do shnat hachshará têm a possibilidade de se identificar completamente com a vida kibutzit, através do conhecimento prático do kibutz e outras formas de vida em Israel.

Êstes foram, resumidamente, os motivos que levaram a V Veidá a resolver realizar o shnat hachshará. Passemos a ver como foi a realidade.

O primeiro machzor partiu em 1967 com 6 chaverim da tnuá, o 6 da Chativá Or Tzion, num total de 17 participantes. Os chaverim centrais da shivvá em sua maioria não participaram do shnat, apesar de terem tomado uma posição favorável ao empreendimento na Veidá. As instituições em Eretz não acreditavam muito na capacidade da tnuá brasileira mandar um grupo significativo, e quando os chaverim chegaram em Haifa pouco ou nada existia em matéria de technit e estrutura para absorvê-los. Para agravar a situação, a guerra dos seis dias provocou a vinda de dezenas de mitadvin, que foram colocados na mesma nisgueret do shnat. Os poucos chaverim da tnuá, com o desenrolar da situação, resolveram ficar em Eretz, relegando a tnuá a um segundo plano.

O machzor beit partiu em 1968 e a proporção de chaverim da tnuá era menor do que no ano anterior: 35% contra 28%. O segundo machzor, assim como o primeiro, também teve grandes problemas de ordem chevratí que acabaram por romper a kvutzá em poucos meses. A grande diferença reside no fato de que o machzor alef não teve tempo de se preparar, pois a idéia surgiu em setembro de 1966 e em março de 1967 já partiam, ao passo que o machzor beit teve o ano de 1967 para se preparar e contudo grande parte de seus participantes foram de última hora. Também nesta kvutzá a divergência de idéias quanto ao que queriam do shnat era enorme, cada um com sua interpretação pessoal. O resultado foi que em outubro a kvutzá estava reduzida a 4 chaverim.

O machzor guinel foi o primeiro machzor de shnat hachshará cuja formação veio de chaverim tnuá em sua grande maioria. Os chaverim já se conheciam e um ano antes do machzor partir já faziam nifalim para a kupá e até mesmo um iton da kvutzá existia. No segundo semestre de 1968, entraram no machzor alguns prosélitos de São Paulo. O machzor guinel partiu para o shnat com 16 chaverim que eram da tnuá e 6 que estavam nela entre 1 a 12 meses antes do grupo partir. O technit do shnat foi cumprido na íntegra se bem que após um mês dois chaverim -

abandonavam a kvutzá, após três meses mais um, após 5 meses outro, e, após este, o último. Ao todo, 5 chaverim abandonaram o shnat antes de seu término. A kvutzá apesar de rixas internas de pequeno significado, era uma kvutzá com tôdas as suas características e auto-dirigida.

Duas vêzes foram feitas reuniões com outros chaverim que estavam em Eretz para se intentar formar um futuro garin aliá. Delas, só restou a idéia. Dos 22 chaverim que participaram no shnat, 9 trabalham atualmente na tnuá. Em última análise, podemos afirmar que o machzor guimel foi machzor exemplar desde a sua estruturação no Brasil até a sua volta de Israel, pois com pequena margem de êrro seguiu o que para êle foi previsto e esperado.

Quando dissemos que o machzor guimel foi exemplar, referimo-nos entre outras coisas ao aspecto chevratí da kvutzá. Consequentemente, uma coisa é básica, fundamental para qualquer machzor ser bem sucedido: é a questão da chevra e esta deve estar estruturada ainda no Brasil. Para isto existem os mifalim nacionais, iton da kvutzá e os encontros também nacionais, outro fator de relevante importância é o conhecimento do ivrit. Devemos incentivar os chaverim que se preparam para o shnat para que aprendam e estudem ivrit antes de partir para que aproveitem muito mais a época passada em Eretz.

Como último problema sôbre preparação a abordar, existe o fato de que bachurim hoje em dia terminam o secundário e bachurot estão terminando o segundo ano. Para evitar o problema de quebra de estrutura chevratit e do marco de shichvá, propomos fazer com que todos os chaverim de uma shichvá participem juntos no shnat, não importando sua idade ou nível escolar.

Vista a idéia original e a realidade histórica, temos hoje condições de reformular o shnat hachshará, corrigir seu rumo, e adaptá-lo à realidade atual. Preferimos colocar as posições em forma de um "Estatuto do Shnat Hachshará", segundo recomendação da V Veidá, para que esteja tudo claro e já redigido em forma de resolução, facilitando o trabalho dos chaverim.

Entretanto, queremos tecer algumas considerações a respeito de tal estatuto, visando aclarar certos pontos, que, pela terminologia, estejam eventualmente obscuros.

Quando dizemos que o shnat hachshará é uma etapa educativa do movimento, isto vale dizer que o chaver que passou o shnat hachshará não completou a sua realização, mas que simplesmente passou por uma etapa que o levará a ela.

Quanto à participação, a shichvá do maapilim II não existe na realidade, pois os maapilim I, no fim do ano, vão ao shnat hachshará e se tornam maapilim II, e, ao voltarem para o Brasil, são bogrin. Quando dizemos que a shichvá de maapilim é responsável pela realização do empreendimento, isto implica em não responsabilizar um chaver, como indivíduo, mas sim a shichvá inteira como tal. Por outro lado, os chaverim não participantes do shnat devem ser peilim do movimento, sem o que não deverão permanecer na tnuá. Devemos proceder desta maneira para evitar que chaverim que, além de não participarem do shnat, não atuam na tnuá, dando assim um mau exemplo a chaverim menores. Entretanto, no momento em que maapilim que não vão ao shnat continuam a dar peilut na tnuá e permanecem li

gados à mesma misgueret de aliá da shichvá, não haverá problemas de orden chinuchi, desde que os motivos de não participação no shnat sejam válidos e justificáveis.

Como já aconteceu com os quatros nachzorim anteriores, devemos continuar a permitir a participação de prosélitos, desde que estes sejam trazidos pelos próprios chaverim da kvutzá que se prepara ao shnat. A definição de prosélito, como se deve entender é a citada no estatuto, eliminando a conotação pejorativa que trouxe esta palavra em outras épocas. Devemos ver no shnat hachshará também uma forma de trabalho com juventude fora do movimento, integrando-o dentro dele, sempre que forem conservadas as devidas proporções.

Para finalizar este tópico, não poderíamos deixar passar o tema obrigatoriedade. Não podemos, de início, obrigar ninguém a fazer coisa alguma, - uma vez que tudo que fazemos na tnuá e até mesmo nossa participação nela é voluntária, apesar de que todo voluntarismo tem suas obrigações. Porém assim como somos voluntários na tnuá, devemos cumprir todas as suas etapas e o shnat está dentro delas. Portanto, todo chaver deve participar no shnat, mas se não o fizer, - deve pelo menos continuar dando peilut na mesma, ou abandoná-la.

Para terminar, queremos dizer que o shnat hachshará é a etapa educativa mais adulta e séria do movimento e que exige do chaver uma autodefinição dentro da qual ele coloca todos os valores pelos quais o chaver trabalhou todo o tempo de tnuá.

O shnat traz uma série de modificações para o chaver e principalmente para a tnuá. É graças ao shnat que o chaver tem a oportunidade de realizar sua autoemancipação além de aprender uma série de valores sócio-culturais e, finalmente de constatar ser de fato Israel o seu marco nacional e o kibutz seu marco social.

É graças ao shnat hachshará que a tnuá poderá ser um movimento sionista eficientemente prático e objetivo, que poderemos produzir elementos capacitados para o trabalho com a juventude judia de qualquer ambiente social a fim de trazê-los de volta ao judaísmo.

Por estes e outros motivos devemos continuar a realizar este empreendimento, se realmente queremos levar avante nossas características peculiares.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

DADOS SOBRE OS GRUPOS DE SHNAT HACHSHARÁ

nachzór -ano	nº total de Participantes	nº de chaverim da tnuá	dos chavrei tnuá, nº dos que ficou em Israel	nº que voltou trabalhar na tnuá	total de chaverim que ficaram em Israel	nº de participantes no nachon lemadrichim	nº de machon que trabalham hoje na tnuá	observações
ALEF-1967	17	6	5	-	5	3	1	observações
BEIT-1968	14	4	-	1	5	3	2	6chav. da chativá.
GUIMEL-1969	22	16	3	8	3	4	4	
TOTAL	53	26	8	9	13	10	7	
DALET-1970	10	10	?	?	?	5	?	

T O C H N I T

<p><u>nachzor alef:</u></p> <p>6 meses em Bror Chail                  2 meses em Iotvatá                  15 dias nachon Wingate (2 chaverim)                  20 dias seminar meshutaf e tnuati (em conjunto com o nachon)                  1 mês e meio em Maian Baruch</p>	<p><u>nachzor beit:</u></p> <p>6 meses em Guesher Haziv                  3 meses em Bror Chail                  20 dias seminar tnuati e meshutaf                  15 dias Machon Wingate (um chaver)</p>
<p><u>nachzor guinel:</u></p> <p>1 mês em Guesher Haziv                  2 meses seminário em Beit Berl                  1 mês de chofesh nudrach                  1 mês e meio em Guesher Haziv                  15 dias de gadné                  1 mês em Kfar Guiladi                  20 dias seminar meshutaf e tnuati                  2 meses e meio em Bror Chail</p>	<p><u>nachzor dalet:</u></p> <p>4 meses e meio em Afikin (cumprido)                  2 meses seminário em Beit Berl (em andamento)                  chofesh nudrach, Bror Chail, etc. equivalente ao nachzor guinel.</p>

## ESTATUTO DO SHNAT HACHSHARÁ

### DOS PRINCÍPIOS E FINS

art. 1 - O shnat hachshará velimudim é uma parte integrante do Ichud Habonim, constituído por membros efetivos dêste, baseado em seus estatutos, seguindo seus princípios e diretrizes.

art. 2 - O shnat hachshará velinudim é um programa de um ano em Israel com seminários e vivências nas diversas formas de vida da sociedade israeli e principalmente o kibutz.

art. 3 - Em concordância com seus princípios, os seus fins são:

§ 1º - PREPARO IDEOLÓGICO - dá-se à base da concepção chalutziana de kibutz que - tem o movimento, na cristalização de sua filosofia de vida, como parte de um grupo social que se identifica nacionalmente com o povo judeu e socialmente com sua plataforma humanista. Em termos mais práticos, uma kvutzá é preparada ideologicamente para o shnat hachshará a partir de exemplos práticos e teóricos fornecidos pelos chaverim mais velhos que passaram por esta etapa.

§ 2º - PREPARAÇÃO DE LIDERANÇA - a preparação de uma liderança consciente de suas metas se dá através de seminários e de vivências de grupo durante todo o ano do - shnat hachshará e isto visará a formação de uma liderança ativa no Brasil a qual - trabalhará com jovens judeus da tnuá ou não, em função de novos garinei aliá, além de tomarem sobre si a direção da tnuá.

§ 3º - CRIAÇÃO DE UMA SHICHVÁ BOGUERET QUE TENHA TIDO A EXPERIÊNCIA PESSOAL DA - REALIDADE ISRAELI - através disto será preenchida uma grande falha existente no - movimento quando chaverim tentaram ensinar uma forma de vida que não conheciam se não através de livros e artzaot. Além do mais responderá a uma série de dúvidas - as quais só podiam ser sanadas na base do "ver para crer". Finalmente, esta experiência pessoal da realidade israeli trará uma resposta mais definida e clara quanto ao caminho que deverá seguir a shichvá após sua peilut no movimento e no momento de sua auto realização.

§ 4º - CRIAÇÃO DO MARCO DE HAGSHAMÁ POR MEIO DO GARIN ALIÁ - somente após um shnat hachshará dentro do qual uma kvutzá tem a vivência de um ano, é que poder-se-á - formar em bases mais sólidas e conscientes as metas de nosso movimento - a formação de um garin aliá com bases concretas e cientes de suas etapas até a hagshamá.

art. 4 - O shnat hachshará velimudim é uma etapa educativa do movimento, e não - sua meta.

### DA PARTICIPAÇÃO

art. 5 - Participem do shnat hachshará velimudim os chaverim da shichvá de maapilim II do movimento.

§ único - os chaverim maapilim II serão responsáveis pela realização do empreendimento de shnat hachshará.

art. 6 - Os chaverim não participantes do shnat hachshará e pertencentes à shichvá de maapilim deverão militar normalmente na tnuá, ou desligar-se dela.

art. 7 - Os chaverim citados no art. 6 estarão ligados à mesma nisgueret de aliá dos chaverim que participam do shnat, da mesma shichvá.

art. 8 - Poderão ser permitida a participação de prosélitos, desde que estes sejam trazidos pelos próprios chaverim da kvutzá.

§ 1º - define-se prosélito como um jovem interessado em passar um ano em Israel, e ingressa na tnuá para participar do shnat hachshará velimudin.

art. 9 - Os prosélitos terão os mesmos direitos e deveres que chaverim da shichvá

art.10 - Para participar do shnat hachshará velimudin, o candidato deverá preencher as seguintes condições:

- a - Ter tido uma vivência normal com o grupo durante no mínimo seis meses
- b - Ter militado na tnuá durante minimalmente seis meses.
- c - Ter aprovada a sua participação pelas instâncias competentes do movimento.
- d - Preencher os requisitos exigidos pela maskirut olanit e pela Sochnut Haiehudit.
- e - Pagar o equivalente a uma passagem de ida a Israel, de acordo com taxa fixada pela Sochnut.

§ único - A taxa citada no item e poderá ser coberta por meio de campanha, a critério da maskirut peilá, ou pela kupá da shichvá, a critério da maskirut da shichvá.

f - Comprometer-se, a não abandonar o marco de shnat hachshará, a não ser com o consentimento do movimento brasileiro, do grupo, da maskirut olanit e dos pais.

#### DAS INSTÂNCIAS

art.11 - Como parte integrante do Ichud Habonim do Brasil, o shnat hachshará é regido pelas instâncias superiores do movimento.

art.12 - Constitue a vaadat shnat hachshará o maskir olali, o achrai da shichvá, e dois representantes da shichvá.

art.13 - Compete à vaadat shnat hachshará:

- a - Coordenar todo o trabalho de preparação da kvutzá, preparar peguis-hot nacionais, organizar nifalim financeiros para a shichvá.
- b - Representar a kvutzá junto ao movimento brasileiro.
- c - Verificar, em primeira instância, se os candidatos ao shnat hachshará cumprem os requisitos exigidos pela tnuá.
- d - Verificar os obstáculos à participação de um chaver, tal como oposição dos pais, entrada na faculdade, etc., e tentar solucioná-los na medida de suas possibilidades.

art.14 - Num prazo de três a seis meses antes do início do shnat hachshará, fixado a critério da maskirut peilá, serão encerradas as inscrições ao shnat hachshará.

art.15 - No prazo citado no art. 14, constituir-se-á a assefá olalit da kvutzá, da qual farão parte todos os candidatos ao shnat hachshará, e que funcionará durante todo o ano da realização do shnat hachshará.

art.16 - Compete à assefá olalit:

- a - Discutir e resolver todos os problemas internos da kvutzá.
- b - Eleger a maskirut da kvutzá e elaborar-lhes suas diretrizes.
- c - Dar seu voto, quando achar necessário, à participação de candidatos ao shnat hachshará.
- d - Resolver, em primeira instância, sobre o desligamento de chaverim - da kvutzá.

art.17 - Compete à maskirut peilá:

- a - Orientar os trabalhos da vaadat shnat hachshará
- b - Resolver, em última instância, sobre a participação no shnat hachshará.
- c - Tratar, em nome da tnuá brasileira, de todos os problemas relativos ao shnat hachshará.
- d - Encaminhar, em tempo hábil, à maskirut olanit, a lista dos participantes no shnat hachshará, assim como os dados pessoais de cada participante.

art.18 - A maskirut olanit do Ichud Habonim será a responsável, durante o shnat hachshará, por:

- a - Cumprimento do programa elaborado em conjunto com a tnuá brasileira
- b - Qualquer problema surgido com chaverim do shnat hachshará.
- c - Enviar periodicamente à tnuá brasileira relatórios do shnat Hachshará.

#### DISPOSIÇÕES GERAIS

art.19 - Os casos omissos serão resolvidos pela hanhagá artzit.

art.20 - O presente regulamento somente poderá ser modificado por um Kinus Artzi

art.21 - Revogam-se as disposições em contrário

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## C H I N U C H

relatores: ALBERTO MILGRAM

SILVIA GUTFILLEN

### 1 - CARÁTER DE NOSSA EDUCAÇÃO

Tôda a nossa educação no Movimento está baseada sôbre quatro pilares: - o HUMANISMO, o JUDAÍSMO, o SIONISMO HUMANISTA e o CHALUTZIANISMO, e os valôres que dêles derivam.

Nossa concepção de mundo, como homens livres e participantes - do Movimento Histórico de redenção do homem, é a sua luta pela elevação social, espiritual e econômica num mundo onde o Humanismo é o único caminho. Além de participarmos desta idéia, como judeus identificamo-nos com o passado histórico do povo judeu, com seus valôres humanos e sociais legados pela cultura judaica e - mantemos viva a consciência judaica pela sobrevivência espiritual e física do - povo judeu.

O Movimento vê no Sionismo Humanista o seu movimento de libertação nacional, a reunião das diásporas, e o único meio para a redenção social do povo judeu, numa Nação onde possa se desenvolver cultural, espiritual e economicamente sob as bases do Sionismo Humanista na terra de seus antepassados em Israel. E o chalutzianismo, que é na prática a síntese dêste movimento.

### 2 - SHITUF:

a - O Shituf é um elemento objetivo dos mais importantes senão o - mais importante para levarmos o chanich ao conhecimento do sentido de coletivis mo, e fazê-lo sentir na sua vivência tnuati o fator igualdade, contrastando com a educação individualista que êle recebe em casa.

O Shituf aparentemente algo técnico, mas que subjetivamente - apresenta os valôres que definem nossa educação tnuati, através dêle é possível haver uma relação direta entre indivíduo-grupo e grupo-indivíduo, relação esta que significa; responsabilidade para com o grupo, direitos e oportunidade iguais de cada chaver na vida kvutzati.

O Shituf é o elemento catalisador da vida em kvutzá, e é um fa tor-chave para manter uma kvutzá dinâmica soh os aspectos que vimos acima.

b - O Shituf com as shichavot de tzofim e solelim consistirá além do visto acima, em participar de uma Kupá, na qual, dar-se-á uma pequena quota para o Snif, afin de que possa dar margem à existência e viabilidade da Kupá re ger a vida econômica de uma kvutzá em suas peulot.

Com a shichvá de bonim deverá existir uma kupá nos mesmos mol des, sendo que deverá haver uma orientação chinuchi nos snifim com respeito à - machanot de bonim, ou melhor, tôdas as kvutzot que vierem à machané central de verão vir com uma kupá meshutefet antes, afin de reinar um espírito kvutzati, e esta meshutefet será feita a base dos critérios de cada kvutzá em separado.

A shichvá de Maapilin é a única shichvá que naturalmente forma uma kupá nacional, por que é em função do Shnat Hachshará. Deve se dar uma orien tação idêntica, para com a shichvá bogueret, tentar formar um shituf nacional

com a finalidade de criar um novo espírito e uma nova mentalidade, de que a shichvá boguoret é uma shichvá como as outras, sendo seu shituf fruto de uma nova - avirá que se sente e terá algumas finalidades, como promover peguishot nacionais atividades centrais de bogrim e em escala mais ampla, visando o início de uma ku pá para o Garin Aliá em formação.

### 3 - HADRACHÁ:

Antes de lançarmos algumas propostas de uma estrutura nova de - hadrachá e do Pré-Chug seria de importância vital uma análise, do que acontece e da realidade no campo educativo.

Segundo o que vem acontecendo nos últimos anos a maioria ou qua se a totalidade dos nossos madrichim que estão no 3º ano científico ou cursinho, abandonam a hadrachá como a poilut também, restando os dois anos anteriores para o chaver dedicar-se a hadrachá. Quando uma kvutzá de solelim passa a shichvá de bonim com a idade de 14-15 anos, a Vaadá Chinuch do Snif ou a Maskirut quando a primeira não existe, resolve fazer um pré-chug de um semestre, e às vezes mais - tempo. Segundo esta análise, baseada na realidade do Movimento, os madrichim só podem exercer a hadrachá durante um ano, no máximo ano e meio.

Pergunto se é válido, que nossos chaverim após receberem um chi nuch tnuati durante vários anos, transmitirem tudo aquilo que receberam a outros mais novos apenas durante o período de um ano a um ano e meio? O trabalho no Movimento só é válido e valorizado quando há continuidade, e muito mais no campo - de hadrachá que é o trabalho fundamental num Movimento essencialmente educativo. Portanto chegamos as seguintes conclusões:

- a - Uma kvutzá de bonim deve entrar em Pré-Chug, logo após passar da shichvá de Solelim para a de bonim, com a idade de 14-15 anos.
- b - Toda a kvutzá sem exceção deve entrar em Pré-Chug.
- c - O Pré-Chug deverá ter uma duração de 6 a no máximo 8 meses.
- d - No technit do Pré-Chug deve constar:
  - 1 - Sichot S/ Movimento Juvenis ( elaborado em março de 1970 )
  - 2 - " " Psicologia do Tzofé.
  - 3 - " " Os valores do Movimento.
  - 4 - " " Hadrachá Prática.
  - 5 - Didática de ensino de shirim, rikudin e jogos para tzofim.
- e - Não poderá haver seleção de chaverim no meio do Pré-Chug; sendo que é de po-der da Vaadá Chinuch ou Maskirut Hasnif a escolha dos madrichim que entrarão em hadrachá após terminarem o Pré-Chug.
- f - O tempo mínimo para um chaver permanecer em hadrachá é de dois anos, e do ponto de vista chinuchi, que o madrich permaneça o maior tempo possível com a - mesma kvutzá, salvo se houverem impecilhos, na qual a Vaadá Chinuch decidirá e fará as modificações.
- g - A hadrachá nos Snifim deverá ser, individual ou seja não mais dupla hadrachá como até agora vinha sendo "orientado" segundo a vontade da Vaadá Chinuch ou Maskirut. A dupla hadrachá é falha, uma vez que raramente o zug hadrachá se entende no trabalho, e sempre um elemento do zug hadrachá é o madrich própria

mente dito. A dupla hadrachá só é válida em machanot onde geralmente as kvutzot são mixtas havendo necessidade do fator masculino e feminino.

#### HADRACHÁ COM A SHICHVÁ DE TZOFIM

- a - Sòmente a hadrachá com a shichvá de tzofim, deverá ser separada por sexo; uma vez que é sabido em psicologia que os interêsses nessa idade são completamente diferentes do outro, havendo maior possibilidade de sucesso no sentido chinuchi nesta forma; e não forçar uma inter relação entre Banin e Banot.
- b - Para que o ponto acima se completo, é necessário e fundamental (na medida do possível) que uma kvutzá de bachurot tzofot, receba hadrachá de uma madrichá, e uma kvutzá de bachurin tzofim receba hadrachá de um madrich.
- c - Em machanot é aconselhável juntar kvutzot de ambos os sexos, havendo a dupla hadrachá, MAS SÒMENTE EM MACHANOT.

#### HADRACHÁ COM SOLELIM

- a - A shichvá de solelim, deverá se constituir de kvutzot mixtas, sendo que os bachurin sejam mais velhos que as banot por 1 ano. Com a shichvá de solelim, começa a haver interêsses comuns entre ambos os sexos e uma atração mútua, sendo de suma importância a existência de bachurin e bachurot numa kvutzá.
- b - Com a shichvá de solelim, pelo fato dela ser a mais problemática do ponto de vista disciplinar, e maturidade. Não são nem crianças e nem adolescentes na fase de transição se tornam problemáticos, exigem portanto uma dupla hadrachá de um madrich e de uma madrichá, para que sejam bem orientados, principalmente em relação a educação sexual.

#### 4 - SIMBOLOGIA:

A Simbologia em si é um legado direto do Movimento escaúutico inglês, o qual foi introduzido por Baden Powell com a finalidade de impor uma determinada disciplina, ligados diretamente ao caráter do Movimento. É importante saber que a simbologia toma um papel central uma vez que não existem valores morais e um caminho de vida que tenha continuidade na vida juvenil até a fase adulta.

No nosso Movimento algumas coisas foram assimiladas e principalmente a essência e a importância da Simbologia dentro de um sistema educativo - tuanti. Na Tnuá utilizamos o tilbeshet, o semel e a bandeira da Tnuá como os símbolos básicos para uma identificação do chaver com a Tnuá, para que os chaverim tenham um modo simples de se vestir próprio de chaverim de Movimento Juvenil chaulutziano e não no modo sofisticado da sociedade, na qual as vestimentas é um símbolo de dinheiro e por tal valorizado e de suma importância. Não é necessário frisar que a simbologia é um fator de disciplina, e de identificação dos chaverim entre si.

Apresentamos acima uma pequena análise de como surgiu a simbologia e suas finalidades dentro do nosso Movimento, faremos agora uma análise da realidade e na medida do possível daremos soluções.

Se fizéssemos uma enquete no Movimento hoje em dia, a respeito-se devemos manter e aplicar a simbologia de acôrdo com o escrito acima, haveria uma maioria absoluta de apoio e concordância, mas, se fizéssemos uma segunda en-

queto, perguntando a causa do não uso dos símbolos tnuatin, surgiriam respostas tais como "o tilboshot é feio", ou "o semel é uma chapinha" etc, respostas próprias de chaverim que têm um desdém por simbologia e por falhas chinuchin não - souberam valorizar a simbologia; há um outro grupo de chaverim na Tnuá que aceita teoricamente os símbolos, porém como há um desleixo total nesta parte o dito cujo contibui para tal inconscientemente. Uma grande parte dos chaverim principalmente madrichim acham que a simbologia deve ser usada (e usan-na) somente quando estão em contato com seus chanichin, quando saem para tiulin ou em machanot, portanto o símbolo neste caso é a carteirinha de coerência para si com relação à hadrachá.

Uma das grandes causas do porque a negação da simbologia, reside num fator essencialmente técnico aparentemente. Não há bandeiras da Tnuá na maioria dos Snifim, não se confeccionam tilboshot e semalin não há suficientes, mas justamente por que a simbologia é desvalorizada e não compreendida é que ninguém nunca se incomoda em suprir essa falha técnica chinuchi.

O mais importante em relação a isto daqui por diante é:

- 1 - Confeccionar urgentemente tilboshot, e bandeiras da Tnuá bem como semalin.
- 2 - Exigir dos chaverim que venham de canisa ou blusa branca nos Oneguei Shabat.
- 3 - Semalin somente receberão chaverim das shichavot de Maapilim e Bogrim.
- 4 - Somente no Chodesh Hatnuá estas shichavot receberão semalin.
- 5 - Todo Chodesh Hatnuá a melhor kvutzá do Snif receberá como prêmio um tilboshot para cada chanich da Kvutzá e o Snif arcará com as despesas em função deste fator chinuchi. Os critérios para tal estarão à cargo da Vaadá Chinuch do Snif.

A Simbologia começará a ser valorizada somente se utilizarmos métodos em que somente poucos poderão alcançá-la e mediante esforços.

#### 5 - ORGANIZAÇÃO CHINUCHI:

É necessário haver na tnuá três instâncias chinuchim. Começando por baixo temos:

- 1 - Chug de madrichim
- 2 - Vaadá chinuch do snif
- 3 - Vaada chinuch Artzit

#### CHUG HAMADRICHEM:

Compõem o C.H., todos os madrichim de uma shichvá, mais o morakez do chug, que não necessariamente deverá ser Madrich da shichvá da qual ele é morakez (ex: Merakez hachug Iemadrichim shel tzofin, não precisa ser madrich de Tzofin).

É de sua competência:

- 1 - Ouvir relatórios dos madrichim em questão (da shichvá e da peulá em geral).
- 2 - Discutir o relatório individualmente e de forma geral.
- 3 - Programar atividades de qualquer caráter com a dita shichvá.
- 4 - Discutir profundamente problemas chinuchine não apenas técnicos.

### VAADÁ CHINUCH HASNIF:

A Vaadá Chinuch Hasnif, é composta pelo chaver chinuch hasnif (merakez havaada) mais os merakzim de chugin de Tzofim, Solelim e Bonim. É importante a existência de uma vaadá chinuch, afim de que haja diferença, uma diferença marcante entre a maskirut, que é técnica por excelência e a vaadá chinuch, que é ideológica por excelência.

#### É de sua competência:

- 1 - Discutir os tochniot apresentados pela Vaadá Chinuch Artzit.
- 2 - A Vaadá Chinuch Hasnif é responsável pelo pré-chug, seu tochnit até a entrada em hadrachá.
- 3 - Discutir e decidir os tochniot e propostas dos chugin hamadrachim.
- 4 - Indicar os madrichim que entrarão em hadracha; e tirar um madrich de sua hadrachá caso seja necessário.

### MACHLAKA LECHINUCH:

A Machlaka Lechinuch é o órgão chinuchi central do movimento, e a sua principal função seria a de dar uma orientação chinuchi para a tnuá, seja na parte de tochniot hadrachá, como em peulot tarbutiot gerais.

A machlaka não pode ser um órgão que trabalha alienado às Vaadot Chinuchiot Hasnifim e da situação chinuchi própria de cada snif. Ela tornou-se um órgão editor de publicações e de tochniot, sem ao menos saber de sua aceitação e de seus resultados.

A inovação que deve se dar, é um esclarecimento do que seja trabalho em conjunto entre a machlaka lechinuch e as vaadot chinuchim. A falta de relatórios, de propostas e da ineficiência dos merakzei chinuchim, faz muitas vezes com que a machlaka lechinuch fique alienada aos problemas do dia a dia no campo Chinuchi.

#### 6 - O CARÁTER DO CHAVER NA TNUÁ:

Este tópico refere-se a posição do Movimento em relação aos vícios que existem na sociedade na qual vivemos. O Movimento Juvenil sempre se caracterizou pelas suas características próprias e revolucionárias adaptando para si uma forma original de ser e atuar mantendo-se a margem em relação a certos feitos da sociedade a qual negamos.

O movimento chalutziano desde seus primórdios teve dentro de seu marco educativo uma opinião e uma posição clara com respeito à fumo, bailes sociais, frequência à clubes, etc. Com o passar dos anos muitos valores junto com uma certa disciplina se diluíram, chegando-se hoje em dia a um determinado ponto em que uma grande parte dos chaverim no Movimento não sabe exatamente que atitude tomar ou qual é realmente a posição do Movimento com respeito a tal. Seria ilógico agora decidirmos que é proibido o fumo na Tnuá pois cairíamos num ridículo de decidirmos algo e não cumprirmos, mas podemos definir até que ponto isto é permitido para que, não caíamos numa posição de liberdade de ação para uma anarquia completa. Em relação à bailes sociais e o mesmo se refere à participação constante do chaver em clubes, o Movimento vê como negativo tomando em conta o -

tipo de vivência que criamos na vida tuati, ou seja uma relação sincera, não artificial, sem formalidades sofisticadas.

Se tomarmos atitudes radicais, mas se quisermos ser coerentes e sinceros conosco, temos que orientar nossos companheiros com esclarecimentos e discussões livres e mostrar o antagonismo que existe entre um ambiente que se forma num baile (referimo-nos à bailes em clubes) e no próprio clube, e, entre nossa vivência sadia e consciente. Além de que o Movimento tem muito a oferecer no lugar de tais atividades.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

E S T R U T U R A   D E   T O C H N I O T

Para os 4 próximos anos.

SHICHVÁ DE TOZIFM

- I - Crianças no Mundo (
- II- O mundo que nos rodeia 2º ano.
- III - O mundo que nos rodeia 3º ano.

SHICHVÁ DE SOLELIM.

- | 1º Semestre                  | - | 2º Semestre               |
|------------------------------|---|---------------------------|
| I - Erquei Israel            |   | Meninos da Rua Paulo      |
| II- O Homem e a Natureza (5) |   | Guerras de Libertação (5) |

SHICHVÁ DE BONIM

- | 1º Semestre  |  | 2º Semestre   |
|--|--|---|
| I - O Desenvolvimento da Sociedade <u>6 A</u>                                  |  | O Desenvolvimento da Sociedade <u>6 B</u>   |
| II - O Homem e a Sociedade <u>7 A</u>  |  | O Povo judeu na Golá <u>7 B</u><br>(Hist, do Povo judeu da Antiguidade à Idade Média) |
| III - O Povo Judeu na Golá <u>7 C</u><br>(Fim da I.M. até Época Contemporânea) |  | O Povo Judeu na Golá e o Sionismo <u>7 CII</u>  |

SHICHVÁ DE MAAPILIM

- | 1º Semestre                                   |  | 2º Semestre       |
|---|--|-------------------|
| I- Kibutz                                     |  | Realidade Israeli |
| II-           - S H N A T   H A C H S H A R Á |  |                   |

SHICHVÁ DE MAGSHIMIM

- | 1º Semestre                        |  | 2º Semestre                |
|------------------------------------|--|----------------------------|
| I - Humanismo                      |  | Sionismo Humanista         |
| II - Correntes do Pensamento Judeu |  | Ideologias Contemporâneas. |

Vaadá Chinuch  
2/ à 9/70.

## ESTATUTOS

relator: Arnaldo Mandel

### DA NECESSIDADE DE UMA REGULAMENTAÇÃO NA ESTRUTURA DO MOVIMENTO

A tnuá, no seu complexo administrativo, tende a criar divergências - internas quanto aos princípios de seu funcionamento. Isso se observa em toda organização, onde os componentes humanos da direção subjetivizam as decisões, o que pode levar a graves dissidências e inclusive à anarquia.

HISTÓRICAMENTE, observa-se que as mais diversas estruturas que conseguiram sobreviver durante longas épocas tinham uma regulamentação que impedia sua dissolução em fatores individuais. Quanto mais complexa a sociedade vivida, mais complexo o seu código, inclusive podendo-se observá-lo na história de nosso povo.

Se pretendemos nos organizar de uma forma racional, há necessidade de uma estruturação uniforme, que dê uma solução aos problemas administrativos e permita uma continuidade do movimento dentro de uma forma básica.

Com a Veidá pretendemos traçar novos caminhos para o movimento, ou reafirmar os anteriores. De qualquer forma, diretrizes serão fixadas, e o meio - de que nos podemos valer para levá-las adiante será a formalização. E esta deve ser cuidada e respeitada, para que não se chegue a um caos de dissensões em torno de uma problemática que aqui será resolvida.

Dentro disso, apresentamos proposta:

- 1 - Para os Estatutos Internos, que regulamentam administrativa e estruturalmente o movimento. É uma proposta de atualização e reforma dos principais pontos falhos do estatuto anterior.
- 2 - Regulamentação Financeira do Movimento, de modo a organizar esta parte administrativa. Nos últimos oito anos nota-se a falta que faz um ponto específico a respeito, traduzindo-se num balanço - anual geralmente deficitário.

Há necessidade de regulamentar também a atividade chinuchi da tnuá, - o que acontece na maior parte das resoluções da Veidá, e especificamente o Shnat Hachshará, dada a sua complexidade.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## ESTATUTOS INTERNOS

### I - DA FILIAÇÃO

art. 1 - Podem ser chaverim do Ichud Habonim todos os jovens judeus de 9 a 23 - anos que aceitem estes estatutos.

§ 1º - Pode a hanhagá Artzit resolver a permanência de um chaver após os 23 anos se o julgar necessário.

§ 2º - A maskirut hasnif pode estabelecer como idade mínima a de 11 anos, se as sin julgar preciso.

### II - DA TNUÁ

art. 2 - Os chaverim são organizados à base da idade física e mental, em kvutzot.

art. 3 - As camadas educativas do movimento (shichavot) são:

TZOFIM -

SOLELIM -

BONIM -

MAAPILIM -

MAGSHIMIM -

§ 1º - As idades limites referem-se a bachurot, levando-se em conta que em cada shichvá os bachurim devem ter um ano a mais que as bachurot.

§ 2º - As passagens de shichvá de tzofim para solelim será de competência da - vaadat chinuch hasnif, sendo as passagens subsequentes de caráter nacional, sen do responsável por elas a M.P.

art. 4 - O conjunto de kvutzot de uma idade constitui a shichvá, cujo conjunto em cada cidade é o snif.

art. 5 - Núcleos do movimento em cidades do interior serão formados a critério do snif ou da hanhagá artzit.

§ 1º - A existência destes núcleos dependerá diretamente do snif mais próximo - ou, na impossibilidade deste, da hanhagá artzit.

§ 2º - A criação de um novo snif dependerá de resolução de kinus ou veidá artzit.

### III - DIREITOS E DEVERES

art. 6 - São deveres dos chaverim:

- a - cumprir o estatuto presente
- b - acatar as decisões e instruções dos órgãos dirigentes
- c - realizar as tarefas que lhes forem designadas
- d - saldar as quotas organizacionais
- e - participar regularmente das atividades do movimento.

art. 7 - São direitos dos chaverim:

- a - tzofim e solelim - participar em vaadei hashichvá
- b - bonim - participar em comissões técnicas e vaadei hashichvá
- participar com voz e voto nas assefot claliot
- participar em vaadot da maskirut
- serem madrichim

§ 1º - Quando da participação pela primeira vez numa assefá clalit, o chaver bo

nô somente terá direito a voz.

§ 2º - A critério da maskirut hasnif, bonim da geração mais velha poderão ser -  
votados para a maskirut.

- c - maapilin e magshinin - participar com voz e voto nas assefot clal-  
liot
  - serem votados para a maskirut
  - serem votados para congressos da tnuá
  - serem votados para a maskirut peilá e hanhagá artzit
  - serem madrichim

art. 8 - O novo chaver adquirirá seus direitos, uma vez tendo sido admitido como chaver pela maskirut hasnif após três meses de permanência na tnuá.

art. 9 - É direito da tnuá afastar um chaver em caso de indisciplina ou desvio de princípios:

- a - direito da maskirut hasnif, no caso do chaverim tzofin ou solelin, de fazê-lo por um a seis meses.
- b - direito da maskirut, no caso do chaverim bonim ou maapilin de fazê-lo por um a três meses. O chaver tem o direito a apelar à assefá clalit extraordinária, sendo a maskirut obrigada a convocá-la, e - constituída no mínimo por 75 % dos chaverim do snif com direito a voto.
- c - direito da assefá clalit suspender o chaver por um período mais - longo, ou desligá-lo, a pedido da maskirut hasnif ou da hanhagá artzit, devendo a maskirut hasnif afastar o chaver até a realização da assefá.

§ 1º - A expulsão só se efetiva após a ratificação da hanhagá artzit, encaminhando a maskirut hasnif a defesa do chaver à hanhagá.

§ 2º - Em se tratando de chaverim que tenham ocupado um cargo eletivo ou tenham sido madrichim nos últimos seis meses, se requererá para a suspensão do chaver obrigatoriamente uma assefá clalit extraordinária e a ratificação da hanhagá artzit.

§ 3º - A hanhagá artzit tratará dos relativos ao presente artigo quando se tratar do chaverim magshinin, sendo necessária para a efetivação das sanções a ratificação da assefá clalit do snif a que o magshin pertencer no momento da resolução.

art. 10- É direito da tnuá afastar o chaver de suas funções, em caso de indisciplina ou desvio de princípios:

- a - direito da instância que o designou afastá-lo definitivamente.
- b - direito da assefá clalit ou de um Kinus de fazê-lo no caso de não-cumprimento de resoluções tomadas por elas.

art. 11 - São considerados atos de indisciplina:

- a - desacatar diretrizes de assefá clalit, maskirut ou instâncias superiores do movimento.
- b - desprestigiar a tnuá ou concorrer para tanto.
- c - atuar ou fala em nome da tnuá sem autorização da maskirut hasnif -

ou da maskirut peilá.

- d - desobedecer ordens e resoluções da maskirut, não cumprir ou prejudicar tarefa que lhe forem designadas.
- e - relacionar-se com organizações de caráter político sem consentimento da maskirut hasnif ou maskirut peilá.

#### IV - DOS ÓRGÃOS DIRIGENTES

art.12 - O snif é dirigido em última instância pelas assefet claliot ordinárias, convocadas obrigatoriamente pela maskirut hasnif, de seis em seis meses. A maskirut, ou pelo menos 2/3 dos chaverim naapilin e magshinin poderão convocar assefet extraordinárias.

art.13 - São finalidades da assefá clalit:

- a - eleger a maskirut e elaborar-lhe diretrizes de trabalho.
- b - traçar a orientação em problemas locais.
- c - decidir e servir de órgão apelativo de suspensão e desligamento de chaverim ou de qualquer outra resolução da maskirut hasnif.
- d - tratar de qualquer assunto fora do âmbito normal da maskirut.
- e - eleger e orientar delegados do snif para congressos do movimento.
- f - discutir e aprovar relatórios da maskirut.
- g - eleger o representante do snif na hanhagá artzhit.

§ 1º - As resoluções das assefet clalit serão tomadas por maioria simples de votos.

§ 2º - A critério da assefá clalit, snifim com mais de 200 chaverim poderão eleger a maskirut hasnif através de uma comissão constituída por não menos de 20 chaverim, eleitos pela assefá clalit.

art.14 - Dirige o snif entre as assefet clalit ordinárias uma maskirut por eleita, e que deve abranger as seguintes tarefas:

- a - direção dos trabalhos da maskirut hasnif, representação externa, direção das vaadot, correspondência, e outras tarefas de centralização e administração.
- b - direção das finanças do snif, planificação e execução de orçamentos cobrança de quota de chaverim e kvutzot.
- c - direção do trabalho educativo do snif, centralização e fiscalização dos chugin, confecção de programa de atividades.
- d - centralização de atividades culturais, chugin, onegui shabat.
- e - centralização do patrimônio do snif, do meshek em geral, e da conservação da sede.
- f - orientação e coordenação das publicações das kvutzot e do snif.
- g - direção e execução das atividades escáuticas e esportivas do snif.

§ único - As questões que envolverem princípios ou resoluções de kinussin e veidot deverão ser orientadas e coordenadas pela maskirut peilá, nos termos das ditas resoluções.

art.15 - Cada um destes cargos pode ser ocupado por um chaver, ou acumulados, segundo o tamanho e âmbito de cada snif.

art.16 - Dirige as atividades educativas do snif, entre as assefet claliot, a -

vaadat chinuch, composta pelo merakez chinuch, pelos merakzin de chuguim e pelo maskir hasnif.

art.17 - Compete à vaadat chinuch analisar os problemas educativos, designar na drichin, preparar planos de atividades para a aprovação na maskirut.

art.18 - De acôrdo com a complexidade dos problemas e tarefas, o trabalho do snif poderá ser subdividido em vaadot, constituídas pelos centralizadores de tarefas, cuja composição deve ser aprovada pela maskirut.

§ 1º - Quando não constituídas uma das funções por um chavor ou vaadá, a maskirut acumula a tarefa.

§ 2º - A existência e atividade dessas vaadot dependerá diretamente da maskirut, que será responsável por ela.

art.19 - Estarão adidos à maskirut shlichin ou chaverim outros designados por assefá clalit, sem tarefas específicas.

art.20 - É de competência da maskirut:

a - cumprir e fazercumprir as decisões das assefot claliot e das instâncias superiores do movimento.

b - informar mensalmente a maskirut peilá das atividades do snif e das vaadot.

c - admitir novos chaverim após a permanência de três meses.

d - afastar do movimento chaverim incorrentes em faltas disciplinares.

e - formar comissões técnicas para facilitar seu trabalho.

f - apresentar relatórios das atividades à aprovação de assefot claliot

g - convocar assefot claliot ordinárias e extraordinárias.

art.21 - São órgãos dirigentes em âmbito nacional as veidot, kinussin, noatzot, hanhagá artzit e maskirut peilá.

#### DA VEIDÁ

art.22 - A Veidá Artzit é a instância suprema do movimento, convocada ordinariamente pela Hanahgá Artzit de 4 em 4 anos, ou extraordinariamente, a pedido de 2/3 dos snifin, com maioria de 2/3 nas assefot claliot.

art.23 - Participam na Veidá, com voz e voto, os delegados dos snifin, à razão de 1 por 20 chaverim, ou fração maior de 15, os chaverim da maskirut peilá, um delegado de cada snif da Tnuat Haavodá Hatzionit, delegação da Organização das Pioneiras, delegação do Vaadei Noar, um delegado do Kibutz Bror Chail, um delegado da maskirut olamit.

§ único - São considerados, para efeito de contagem, chaverim o número apresentado pelo snif no último relatório mensal do snif à maskirut peilá.

art.24 - São suas finalidades:

a - aprovar ou modificar os estatutos do movimento.

b - discutir e resolver sobre princípios, orientação em geral do movimento.

c - rever a organização e estrutura do movimento.

#### DO KINUS

art.25 - O Kinus Artzi é a instância superior do movimento entre as veidot, e -

se reúne a chamado da hanhagá artzit obrigatoriamente uma vez por ano, ou extra ordinariamente a pedido de 2/3 dos snifim com maioria de 2/3 nas assefot claliot, ou a pedido da hanhagá artzit.

art.26 - A participação dos chaverim do kinus rege-se pelo art.22.

art.27 - São suas finalidades:

- a - discutir as atividades dos snifim, da hanhagá artzit e da maskirut peilá.
- b - decidir as atividades do movimento até o próximo kinus.
- c - traçar as diretrizes de trabalho da hanhagá artzit e da maskirut - peilá.
- d - resolver sobre a formação de snifim.
- e - apresentar e resolver os problemas apresentados pela hanhagá artzit ou maskirut peilá.
- f - eleger a maskirut peilá.
- g - servir de órgão apelativo para qualquer resolução da hanhagá ou - maskirut peilá.

§ único - No ano em que se realiza a Veidá Artzit, ela assume, além de suas fun ções, as atribuições do Kinus.

#### DA MOATZÁ

art.28 - A moatzá é a instância superior do movimento em chinuch, reunindo-se a chamado da Hanhagá Artzit.

art.29 - Constitue a moatzá os madrichim do movimento e outros designados pela hanhagá artzit.

art.30 - São suas finalidades:

- a - discutir as atividades dos snifim.
- b - discutir as atividades educativas do movimento.
- c - planificar as atividades educativas do movimento.
- d - planificar as bases para o temário de kinussim e veidot.

§ único - As decisões da moatzá devem ser ratificadas pelo Kinus Artzi.

#### DA HANHAGÁ ARTZIT

art.31 - É o conselho diretor do movimento, funcionando entre kinussim.

art.32 - Constitue a hanhagá artzit os chaverim da maskirut peilá e um represen<sup>te</sup> tante de cada snif, eleito em assefá clalit.

§ 1º - São adidos da Hanhagá Artzit os shlichim da maskirut clamit.

§ 2º - A Hanahgá Artzit reunir-se-á no mínimo 4 vezes por ano.

art.33 - Compete à Hanhagá Artzit:

- a - discutir os problemas educativos e ideológicos do movimento.
- b - servir de órgão apelativo e ratificados de seus pensões e desliga-  
mentos de chaverim, nos termos do art. 10.
- c - designar os participantes da moatzá.
- d - decidir sobre questões não julgadas em kinussim quando julgar de -  
sua competência.
- e - resolver os problemas apresentados pela maskirut peilá.

f - ratificar a formação de núcleos do interior.

g - designar temporariamente substitutos para a maskirut peilá, em caso de impedimento do chaver efetivo.

#### DA MASKIRUT PEILÁ

art.34 - É o órgão executivo do movimento, funcionando entre kinussim, e eleita por êste.

art.35 - A maskirut peilá será constituída por no máximo 9 e no mínimo 5 chaverim, ocupando os seguintes cargos:

- a - Maskir Clali - representa o movimento externamente, coordena os trabalhos da maskirut peilá e da hanhagá artzit, dirige suas seções correspondência e arquivos.
- b - Guisbar Artzi - dirige, coordena e planeja as finanças do movimento.
- c - Machlaká Lechinuch Veletarbut - é responsável pela elaboração, ordenação, execução e cumprimento dos programas educativos do movimento, e tudo o que relaciona com chinuch e tarbut do movimento.
- d - Machlaká Leitonut - é responsável pela orientação, coordenação e execução das publicações do movimento.
- e - Achraim por Shichavot - serão responsáveis, em cada shoohvá, de sua estruturação nacional, planificação de suas atividades, e planificação, junto com o chaver da machlaká lechinuch, dos programas educativos da shichvá.
- f - Chaver Maskirut Peilá

§ 1º - Pelo menos 2/3 dos chaverim da maskirut peilá deverão estar na mesma cidade, onde estará sediada a maskirut peilá e a hanhagá artzit.

§ 2º - São adidos da maskirut peilá os shlichin da maskirut clamit na cidade-sede da maskirut peilá.

§ 3º - A maskirut peilá pode mobilizar chaverim do snif onde está sediada para comissões auxiliares.

§ 4º - O maskir clali dirigirá todos os trabalhos da hanhagá artzit.

§ 5º - Os cargos citados acima poderão ser acumulados ou não, mantendo-se entre tanto o número mínimo de 5 participantes.

art.36 - Em caso de impedimento de algum participante da maskirut peilá, a hanhagá artzit deyerá designar seu substituto para no máximo 4 meses, sendo obrigada a convocar um kinus artzi para eleger o novo chaver efetivo.

art.37 - Compete à maskirut peilá:

- a - cumprir e fazer cumprir as resoluções de kinussim e voidot.
- b - controlar e orientar as atividades dos snifim.
- c - planificar e coordenar as atividades de caráter nacional do movimento.
- d - representar o movimento no exterior.
- e - apresentar à hanhagá artzit, para solução, os problemas de princípio do movimento, quando julgar necessário.

f - decidir sobre questões não discutidas em kinussin, quando julgar -  
de sua competência.

V - DISPOSIÇÕES GERAIS

art.38 - Os casos omissos no presente estatuto serão resolvidos pela Hanhagá -  
Artzit.

art.39 - Qualquer modificação do presente estatuto somente poderá ser feita por  
una Voidá Artzit.

art.40 - Revogam-se as disposições em contrário.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## REGULAMENTAÇÃO FINANCEIRA DO MOVIMENTO

### I - DA GUISBARUT ARTZIT

1 - A g.a. será formada de três chaverin, sendo seu nerakez o guisbar artzi, o maskir elali, e um chaver designado pela Hanhagá artzit.

2 - Cumpre ao guisbar artzi proceder ao pagamento das contas da g.a., divulgar balanços, apresentar propostas de orçamentos, entrar em contato com os snifin, - instâncias aqui e em Eretz, a respeito de finanças em geral.

3 - A g.a. será a primeira instância para todos os problemas financeiros, sejam ou não mencionados nesta regulamentação.

§ Único - A g.a. está para todos os efeitos subordinada à maskirut peilá.

4 - A g.a. deve cobrir os orçamentos normais da maskirut peilá e hanhagá artzit, financiar as atividades centrais e nacionais e proceder ao pagamento de dívidas por ela contraídas ou autorizadas.

§ 1º - Os orçamentos deverão ser apresentados no início de cada ano fiscal em congresso ou reunião de hanhagá artzit.

§ 2º - Fazem parte do orçamento anual da guisbarut artzit gastos com secretaria administrativa, shlichuiot, funcionamento de nachlakot e keren lenoadonin.

§ 3º - São consideradas atividades centrais ou nacionais as seguintes atividades: noatzot, kinussin, voidot, peguishot, machanot centrais, seminários e outras atividades determinadas por um congresso ou pela maskirut peilá.

5 - O guisbar artzi poderá contrair dívidas por sua única e própria iniciativa, desde que estas estejam previstas pelo seu orçamento anual, de maneira a não aumentar o deficit da g.a.

### II - DAS RELAÇÕES ENTRE OS SNIFIM E A GUISBARUT ARTZIT

6 - Os snifin deverão enviar mensalmente uma cópia de seu balancete, devidamente responsabilizado pelo maskir hasnif e guisbar hasnif, segundo modelo fixado pela maskirut peilá.

7 - Os snifin deverão enviar no início do ano fiscal um orçamento anual à g.a.

8 - A g.a., a seu critério, poderá aplicar sanções financeiras aos snifin que não enviarem regularmente seus balancetes mensais e orçamentos anuais.

### III - DAS MACHANOT E ATIVIDADES CENTRAIS

9 - A g.a. participará, a seu critério, da cobertura de deficit de machanot locais dos snifin, desde que éstos sejam orçamentados.

10- Os orçamentos de machanot locais devem chegar à g.a. no mínimo 15 dias antes do início destas.

11- Sheilonin para machanot centrais terão seu preço fixado pela guisbarut artzit.

12- O snif será responsável pelo pagamento do sheilon de seus chaverin participantes na machaná.

13- Os sheilonin devidos deverão ser pagos integralmente à guisbarut da machaná antes do início desta.

§ Único - Cada snif terá um crédito de 10% do valor dos sheilonin devidos por êle para o caso de impossibilidade financeira comprovada de chaverin participantes - da machaná, desde que o snif envie minimalmente 10 chaverin para as machanot cen

três do período.

14 - A g.a., a seu critério, poderá exigir dos nadrichin da nachané o pagamento total ou parcial do sheilon.

#### IV - DAS SHLICHUIOT E PEULOT HANHAGÁ

15 - Nas shlichuiot, quando forem autorizadas pela maskirut peilá ou hanhagá artzít, a guisbarut artzít pagará a viagem do sheliach,

§ único - Nas shlichuiot a g.a., a seu critério, poderá exigir do snif a cobertura de até 35% das despesas de viagem.

16 - As despesas referentes a alojamento, manutenção e despesas pessoais do sheliach correm por conta do snif ou shituf ao qual pertence o sheliach.

§ único - A g.a., a seu critério, poderá participar das despesas de manutenção do sheliach.

17 - As peulot Hanhagá e reuniões de hanhagá artzít terão seus gastos cobertos pela g.a.

§ único - Define-se peulot hanhagá como a mobilização de um chaver pela hanhagá artzít ou pela maskirut peilá por alguns dias, para um trabalho específico ou uma viagem.

18 - Nas reuniões de hanhagá artzít, a g.a. somente se responsabilizará pelo pagamento das despesas dos chaverim da h.a. e convidados.

#### V - DOS MIFALIM FINANCEIROS

19 - Define-se mifal financeiro como qualquer campanha que saia do círculo normal dos chaverim da tnuá ou que envolva relacionamento com instituições, visando ter fundos para uma finalidade qualquer, feita em nome do movimento.

20 - A g.a. planejará e financiará no mínimo uma vez por ano mifalim de âmbito nacional, cujo lucro deverá reverter para os snifim e para a g.a., em proporção fixada pela maskirut peilá, com a finalidade de cobrir os deficits orçamentais do movimento.

21 - Na planificação do mifal, a g.a., em comum acordo com os snifim, fixará previamente a quota de participação de cada snif no mifal. Quinze dias após o encerramento do mifal, cada snif deverá entregar à guisbarut artzít a quantia equivalente ao valor de sua quota, somada à comissão devida à g.a. relativa à quota total do snif, independente da soma realizada pelo snif. Deverá encaminhar também um relatório do movimento financeiro do mifal.

§ único - O não cumprimento desta norma acarretará em sanções da maskirut peilá, a seu critério, ao snif faltoso.

22 - Qualquer mifal organizado localmente deverá obter aprovação anterior da maskirut peilá.

23 - A norma do art.22 é extensiva a pedidos de verba a instituições.

§ único - Não é atingida pela restrição do art.22 os mifalim feitos em conjunto com vaadei noar, desde que estes tenham um âmbito local. Entretanto, o art.23 não admite exceções.

24 - Poderão ser realizados mifalim visando obter fundos para chaverim ou kvutzot pagarem dívidas ou quotas organizacionais para a tnuá, desde que sejam preenchidas as seguintes condições:

a - Obter aprovação prévia da g.a. e do snif onde se realiza o mifal.

- b - O snif deverá se responsabilizar pelo mifal e prestar contas a - respeito.
- c - Sempre será garantida uma percentagem de lucro para a caixa do - snif ou da g.a., de modo a não permitir que o lucro reverta exclu- sivamente em benefício do chaver.
- d - Os fundos obtidos servirão única e exclusivamente para a cobertu- ra da dívida que motivou o mifal. Havendo um saldo, êste será - transferido para a caixa do snif ou da g.a.
- e - No caso de haver um investimento da g.a. para o mifal, será asse- gurada uma garantia por parte do snif ao qual o chaver ou a kvut- zá pertence.

#### VI - DISPOSIÇÕES GERAIS

- 24 - Em última instância, é a maskirut peilá que determina os gastos efetuados - em nome da g.a., mediante autorização escrita ou oral.
- § único - Os snifim, shlichim ou chaverim que efetuarem gastos por conta da g.a., sem a devida autorização, a critério da mesma serão reembolsados ou não.
- 25 - Sempre que se falar em viagens, está implícito que se trata de ônibus comum. Viagens em ônibus leite, avião e outros somente serão cobertas pela g.a. median- te autorização expressa, específica, e anterior à viagem pela maskirut peilá.
- 26 - O ano fiscal do movimento será de 1º de abril a 31 de março do ano seguinte.
- 27 - Todos os casos omissos serão resolvidos pela g.a.
- 28 - O presente regulamenta somente poderá ser modificado por um kinus artzi ou veidá artzit.
- 29 - Revogam-se as disposições em contrário.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

## FUTURAS ATIVIDADES

relator: ARON SCHNEIDER

1 - Chodesh Hatnuá - Outubro

Tema: Aliá-Chalutziut

2 - Chodesh Hatarbut - Junho

Torneio Cultural Nacional, nos moldes de 1969

3 - Inauguração do Snif Pôrto Alegre - Outubro

Com a presença de chaverim de todos os Snifim, e Messibá Artística

4 - Iom Haatzmaut

Propomos que seja feito um concurso de exposições em cada snif, sôbre Iom Haatzmaut, e a exposição vencedora seria mostrada em todos os snifim.

5 - Machanot Centrais:

Propomos um esquema permanente de machanot, de modo que uma shichvá já terá planificada tôdas as suas atividades centrais, numa sequência enquadrada com os techniôt hadrachá normais:

Machanot Kaitz:

Bonim I e II - Machané Tzofiútica

Bonim II - Seminar Hakadrim

Maapilim I - Peguishá Nacional - Shnat Hachshará

Bogrim - Seminar Raioni ( sionismo-humanista )

Machanot Choref:

Bonim I - Tiul para Ubatuba, Ilha Bela, São Sebastião.

Bonim II - Tiul para sul de Minas ( São Lourenço, Caxambu, Três Corações, Agulhas Negras )

Maapilim I - Tiul para Foz de Iguaçu e Peguishá ( peilut e shnat Hachshará )

Bogrim - Tiul para Brasília

Bonim I - Machané Avodá ( Tema: Judaísmo Contemporâneo )

Bonim II - Machané Avodá ( Tema: Estudos Universitários )

Bonim - Iom Iun de Hadrachá.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

